



Bloco das Flores

A TRAJETÓRIA DE UM BLOCO CARNAVALESKO MISTO
NO CARNAVAL DE RUA DA CIDADE DO RECIFE
(1920-1930)

ANDRÉA CADENA



Bloco das Flores

A TRAJETÓRIA DE UM BLOCO CARNAVALESCO MISTO
NO CARNAVAL DE RUA DA CIDADE DO RECIFE
(1920-1930)

ANDRÉA CADENA

A faint, light gray illustration of a floral branch with leaves and small circular buds, extending across the bottom of the page.

Copyright © 2023 | Andréa Cadena Bandeira de Mélo.

Autora | Andréa Cadena Bandeira de Mélo

Orientadora | Prof. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos

Revisão | Sérgio Montenegro Filho.

Design e diagramação | Samuel Balbino Bezerra.

M528b Mélo, Andréa Cadena Bandeira de
Bloco das Flores : a trajetória de um bloco carnavalesco
misto no carnaval de rua da cidade do Recife (1920-1930) /
Andréa Cadena Bandeira de Mélo, 2023.
116 f. : il.

Originalmente apresentado como Relatório técnico de
Mestrado Profissional em História.

1. Pernambuco - História. 2. Blocos carnavalescos.
3. Carnaval. I. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal - CRB4/1338



Sumario

10	Agradecimento
12	Apresentação
14	Introdução
18	1 A cidade se moderniza e cria espaços de lazer
	23 Espaços de Lazer no Início do Século XX
30	2 O Carnaval dos anos 1920 e 1930 no Recife
	31 As Formas de Brincar o Carnaval
	42 Adereços Para Brincar o Carnaval
	47 O Carnaval dos Blocos
52	3 O Bloco das Flores
	60 Os Fundadores
	65 As Mulheres
	70 O Flabelo
	73 As Músicas
	79 A sede e os Ensaios
	81 O Bloco das Flores na Revista O Malho
	89 Retorno do Bloco das Flores em 2000
94	4 Considerações Finais
99	Notas Textuais
105	Bibliografia
112	Apêndice







Lista de Figuras



- 01 **Capa:** Bloco das Flores na Revista O Malho
- 18 **Figura 1:** Imagem do Recife Antigo 1920
- 20 **Figura 2:** Rua 1º de Março na década de 1920
- 22 **Figura 3:** Café Lafayette na Rua do Imperador na década dos anos 1930
- 25 **Figura 4:** Teatro Santa Isabel
- 25 **Figura 5 e 6:** Teatro do Parque
- 26 **Figura 7:** Praça do Derby em 1930
- 26 **Figura 8:** Footing na Rua Nova
- 32 **Figura 9:** Desfile do Corso pelas ruas da cidade
- 34 **Figura 10:** Dona Santa, em apresentação do Maracatu Elefante e sua Corte
- 35 **Figura 11:** Fantasia de La Ursa no carnaval
- 36 **Figura 12:** Foliões fantasiados em um clube da cidade de Recife - PE
- 38 **Figura 13:** Cena de Entrudo em 1880, em desenho de Angelo Agostini

- 38 **Figura 14:** Viagem pitoresca e Histórica do Brasil, Jean Baptiste Debret
- 39 **Figura 15:** Brincadeiras de Carnaval, Augustus Earle
- 42 **Figura 16:** Detalhe do curso com foliões fantasiados e detalhe para o folião com seu nariz e bigode postiço
- 43 **Figura 17:** Anúncio das fantasias recebidas da Europa na loja Deusa da Moda
- 43 **Figura 18:** Anúncios de fantasias
- 44 **Figura 19:** Anúncio publicado na imprensa com personagens famosos recomendando os lança-perfumes
- 44 **Figura 20:** Anúncio utilizando uma conotação política para vender a lança-perfume
- 45 **Figura 21:** Foliões utilizando suas lança-perfumes nos salões de baile
- 46 **Figura 22:** Caixa de lança-perfume e manual de instrução
- 46 **Figura 23:** Casal de foliões posa exibindo lança-perfumes no Carnaval
- 54 **Figura 24:** Registro da reportagem que anunciava a mudança do nome do bloco
- 58 **Figura 25:** Publicação do jornal Diário da Manhã recordando os antigos carnavais
- 61 **Figura 26:** Coronel Pedro Salgado (????-1937)
- 61 **Figura 27:** Coronel Pedro Salgado (????-1937)
- 62 **Figura 28:** Raul Corumila de Moraes
- 64 **Figura 29:** Capa de uma partitura escrita por Raul Moraes para o Bloco das Flores
- 70 **Figura 30:** Flabelo do Bloco das Flores em 1922
- 72 **Figura 31:** Flabelo do Bloco das Flores atual
- 72 **Figura 32:** Estandarte do Galo da Madrugada
- 79 **Figura 33:** Praça Sérgio Loreto e seu casario em 1925
- 80 **Figura 34:** Sede do Bloco das Flores



- 81** **Figura 35:** O coreto da Praça Sérgio Loreto local de apresentação das bandas e orquestras
- 82** **Figura 36:** Capa da 1ª edição da revista O Malho
- 83** **Figura 37:** Bloco das Flores no Carnaval de 1922
- 86** **Figura 38:** Bloco das Flores, Revista O Malho, 1923
- 87** **Figura 39:** Bloco das Flores, Revista O Malho, 1924
- 90** **Figura 40:** Jane Emirce de Melo
- 91** **Figura 41:** 1º Desfile em 2000 com a flabelista
- 91** **Figura 42:** Francisco de Assis Maciel
- 91** **Figura 43:** Zenaide Araújo, atual presidente do Bloco das Flores





Agradecimento



A elaboração deste trabalho contou com o apoio de diversas pessoas que, de uma forma ou de outra, ajudaram a traçar as linhas que retratam as belas histórias e memórias dos carnavais de outrora.

A Deus, por ter me concedido saúde e determinação para não desanimar e ultrapassar todos os obstáculos enfrentados durante a realização deste trabalho.

Dentre tantos, agradeço em especial à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, pela paciência, dedicação e disponibilidade durante o processo de conhecimento.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco que, de maneira tão peculiar e disponível, repassaram seus conhecimentos e me tornaram mais capacitada.



À flabelista do atual **Bloco das Flores**, Jaci Lins, que cordialmente fez a minha conexão com a pesquisadora Jane Emirce de Melo, que me forneceu o material para iniciar minha pesquisa e se colocou em total disponibilidade para sanar minhas dúvidas.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem suas experiências, dúvidas, companheirismo e desesperos temporários.

Às minhas colegas de trabalho, pelo apoio e compreensão durante as longas pesquisas e tentativas de acerto. Em especial, à Maria das Graças de Paiva Belo, minha maior incentivadora para ingressar neste mestrado, e Geórgia Queiroga que muito me ajudou na elaboração do produto.

À minha família, Dora e Rafael, por entenderem os momentos de isolamento durante a pesquisa e pela paciência com minhas angústias.

Enfim, agradeço ao universo por me proporcionar a chance de agregar mais bagagem ao meu rol de conhecimento.





Apresentação



O presente Livro de Divulgação Científica é o produto do projeto de pesquisa desenvolvido no período entre 2021/2023 presente na grade curricular do Programa de Pós-graduação em História – PPGH, do Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

Trazendo recortes de registros da história dos carnavais de outrora, possibilitando ao público interessado no assunto - foliões, estudantes, professores, pesquisadores -, conhecimento ou reavistamento de fatos inerentes à festa popular mais participativa e irreverente do calendário festivo dos brasileiros.

Apresentar um “Livro de Divulgação Científica” onde aborde a trajetória histórica do **Bloco das Flores**, apontando seu surgimento e personagens, sua relação com o cotidiano da época, examinando acervos da imprensa local da época, além de apresentar ao leitor algumas músicas do seu repertório.



Apresento nos primeiros textos um panorama da cidade do Recife no início do século XX, analisando os aspectos da cidade, suas transformações, os novos costumes e hábitos, as formas de brincar o Carnaval e como essas mudanças interferiram nos festejos e trouxeram outras formas de participação na folia.

Em seguida, descrever para o leitor a trajetória do **Bloco das Flores** desde sua criação em 1920 até 1937, ano de falecimento dos dois principais fundadores do bloco, Pedro Salgado e Raul Moraes. Apresentar seus fundadores, sua dinâmica no Carnaval com os ensaios e letras de músicas, seus novos elementos na formação do bloco como uma orquestra de pau e corda e a participação feminina da classe média urbana em seus desfiles, compondo um coral durante o cortejo.

E, para finalizar, apresento um breve histórico sobre o retorno do Bloco das Flores às ruas do Recife no Carnaval do ano 2000, através do trabalho da pesquisadora Jane Emirce de Melo e do professor Francisco de Assis Maciel, iniciando uma nova fase do bloco.

Aproveitem a experiência!





Introdução



O senso comum produzido por representações da literatura, folcloristas e da imprensa, criaram no imaginário da população essa narrativa de “democracia e participação coletiva” nos festejos de Momo. Um conceito de Carnaval como uma festa do “povo”, na qual pessoas de diversas etnias, gêneros e condições socioeconômicas se unem com o propósito de se divertir.

Essa comemoração, aparentemente democrática, se contradiz quando analisados os periódicos da época, apesar do “espírito carnavalesco” apontar para uma aura de união é comum a existência de segregações nessa festa, sejam elas veladas ou explícitas.

A cidade do Recife, nas primeiras décadas do século XX, passava por transformações e intenso processo de modernização sob forte influência europeia e, também, da então capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro. Modernidade que afetou de forma profunda as histórias da vida urbana na cidade, as relações entre o moderno e o tradicional, a organização do espaço urbano e as manifestações por meio



da imprensa local. Reflexões a partir das elites e outros grupos sociais sobre as novidades e os (des)encantos entre o novo e o tradicional (Rezende, 2016).

É possível perceber que a modernização da cidade do Recife naquele período foi de fato intensa, trazendo melhoramentos e modificando definitivamente os costumes e o modo de vida dos habitantes.

Mas todo esse empenho em modernizar e civilizar será refletido também no Carnaval, pode-se dizer serem voltados para as elites e as camadas favorecidas da sociedade recifense. A população mais pobre não estava inserida nesse novo modelo, até porque a própria condição econômica não permitia. Um verdadeiro contrassenso de uma sociedade buscando modernizar e evoluir.

A partir das publicações nos jornais impressos da época pode-se analisar as representações e práticas desses foliões na festa. No Carnaval de rua no Recife entre 1920-1930 os brincantes se reuniam em blocos carnavalescos, que tomavam parte homens e mulheres.

Observou-se que os blocos carnavalescos surgiram na cidade do Recife como uma alternativa e modelo de brincar um Carnaval moderno, civilizado, sadio e respeitoso num período de modernização e transformação da vida urbana da cidade, inspirado nos moldes europeus de comemoração.

O **Bloco das Flores** vai surgir na cena carnavalesca aproximadamente em 1920. Criado por Pedro Salgado, conhecido como "Coronel Pedro Salgado", tem o registro de ser um dos primeiros blocos carnavalescos. Como muitos blocos da época foi criado por um grupo de artistas, jornalistas e compositores de marchinhas de Carnaval, e al-





guns até tempos hodiernos permanecem desfilando no Carnaval do Recife.

Assim, o **Bloco das Flores** será criado por uma classe mais abastada, chamada por alguns historiadores e pesquisadores de "elite", e por membros da classe média urbana da época, dando também oportunidade da participação feminina dessa classe específica nos festejos carnavalescos de rua da cidade, além de trazer novos elementos para os desfiles e sua contribuição para o surgimento de outros blocos nesse período.

O estudo aqui apresentado emerge no cenário carnavalesco, valendo-se do viés histórico, visando contribuir para a reconstrução da trajetória histórica do **Bloco das Flores**, agremiação carnavalesca surgida na cidade de Recife, capital do Estado de Pernambuco, na década de 1920, porém sem registro concreto até quando permaneceu participando dos festejos de Momo.

A presente pesquisa inicia-se no ano de 1920, ano apontado como sendo de sua fundação por registros documentais publicados por pesquisadores acerca do bloco e que serviram como referencial para este estudo. O desfecho do recorte temporal do presente trabalho dar-se-á no ano de 1937, após o falecimento dos dois importantes fundadores e colaboradores do bloco, Pedro Salgado e Raul Moraes.

Vale ressaltar que o nome inicial do bloco era "Bloco Flores Brancas", conforme registrado pelo jornal Diário de Pernambuco em 28/01/1921, que apesar de classificá-lo como "troça composta de rapazes decentes do comércio", estava presente também em sua composição as moças e mulheres da classe média urbana. O jornal também informa sobre a eleição da sua diretoria, a realização de ensaios e a composição de sua orquestra com "violinos, violões, bandolins, flautas, pandeiros, maracás, reco-reco e triângulo", deixando excelente impressão. Esse foi o registro mais antigo sobre o bloco encontrado nesta pesquisa, deixando inferir que ele foi fundado



possivelmente no ano de 1920.

Ressalta-se que existe uma considerável produção do conhecimento acerca dos festejos populares, do próprio Carnaval e dos artefatos culturais envolvidos em tal engenharia sociocultural, no entanto, os registros acerca do bloco são parcos e espaçados. Dessa forma, diante da escassez de registros a produção do estudo procurará preencher, ainda que de forma inicial, uma lacuna na produção do conhecimento acerca do objeto analisado, a saber: o **Bloco das Flores**.





Figura 1:
Imagem do Recife Antigo 1920.
Fonte: Museu Cidade do Recife.

*A cidade se moderniza
e cria espaços de lazer*



As transformações implementadas na cidade do Recife no início do século XX, com a reforma das ruas e vias públicas, destruindo casas e monumentos para se adequar ao ritmo do modernismo recém-chegado à cidade, impulsionou mudanças na vida social dos seus habitantes.

A década de 1920 chegou trazendo inúmeras transformações, mais divertimentos e novidades para a cidade. Novos hábitos foram disseminados entre a população, como futebol, cinema, teatro, ópera, jazz, clubes e festividades compartilhadas com os habitantes. Eram os encantos da modernidade!

O historiador Lucas Victor Silva (2009) ressalta que as novas ruas e avenidas abertas e a reorganização dos sistemas de higiene e saúde públicos vieram com a promessa de resolver o aspecto "sujo" da cidade, além de combater frequentes epidemias que vitimavam, em sua maioria, pessoas das camadas menos abastadas.

Locais tranquilos, utilizados para encontros e pequenos trabalhos, deram vez aos automóveis, um novo integrante que chegara à cidade para ficar, como destaca Sylvia Costa Couceiro: "[...] antigos pontos de sociabilidade dos habitantes da cidade tornaram-se apenas locais de passagem perdidos na memória". (Couceiro, 2003, p.77)

A Rua Primeiro de Março (Figura 2), antiga Rua do Crespo, era uma das mais movimentadas da cidade do Recife nos anos 1920. Como se pode observar, autos, bondes, pedestres e outros veículos circulavam, seguindo o novo ritmo imposto à vida urbana, fazendo daquela artéria uma das campeãs em congestionamentos e acidentes na época.





Figura 2:

Rua 1º de Março na década de 1920.
Fonte: Museu Cidade do Recife.

“ *A Belle Époque havia chegado para ficar. Os “homens de letras e de ciências” do Recife acreditavam que as reformas modernizadoras seriam capazes de civilizar a sociedade e resolver os dilemas sociais de sua época, mesmo que elas fossem empreendidas de maneira autoritárias. (Silva, 2009, p. 57).*

”

O Recife das primeiras décadas do século XX passava também por transformações e modernidades inspiradas nos moldes europeus da *Belle Époque*, e ainda recebia as influências da capital federal, a cidade do Rio de Janeiro. Modernidade física e estrutural – com a construção de prédios, avenidas, museus e teatros – e social, com o surgimento de vilas residenciais, centros educativos com cursos profissionalizantes e serviços de transportes.

A posição geográfica favorável da cidade do Recife a tornava o primeiro ponto de parada dos navios vindos da Europa. Dessa forma, o contato direto com o que ocorria no continente europeu influenciava não apenas os costumes, a moda e os bens de consumo, mas também a própria cultura local.

Antônio Paulo Rezende (2016), ao abordar os projetos de modernização que atingiram a cidade, destaca as ações ditas modernizadoras implementadas durante a gestão do governador Sérgio Loreto (1922-1926), que se preocupava também com o cotidiano da cidade na década de vinte, a exemplo da moda, da imprensa, do lazer e do cinema. Temas que ensejam o estabelecimento de novas relações entre o antigo e o moderno.

A implantação de melhoramentos urbanos nos setores de infraestrutura, como o calçamento de ruas, coleta regular de lixo, iluminação, embelezamento de praças, melhoria no sistema de transportes e o início da reforma do Porto e do Bairro do Recife começaram a tornar o espaço das ruas mais convidativo.





Figura 3:

Café Lafayette na Rua do Imperador na década dos anos 1930. Fonte: Acervo FUNDAJ.

Ao descrever a vida social do Recife na década de 1930, Sylvia Costa Couceiro (2003) aponta a esquina onde estava situado o Café Lafayette (Figura 3), ponto de encontro de vários nomes da intelectualidade da época, assim como políticos, comerciantes, estudantes da Faculdade de Direito e das Escolas de Medicina e Engenharia. Naquele ambiente eram debatidos temas relacionados às artes, ao cinema, e à música. Falava-se também de política e organizavam-se passeios e excursões pela cidade e arredores.





Descrevendo as inovações advindas da modernidade, Antônio Paulo Rezende constata que “[...] o Recife convivia com as muitas invenções trazidas pela velocidade do progresso, mas não deixava de ter seus ares provincianos” (Rezende, 2016, p.100-101). O conflito entre o progresso e a tradição tornou-se uma constante durante o processo de modernização da cidade. Era, inclusive, reiterado em diversos relatos de cronistas da imprensa local, com análises sobre as consequências dessa evolução.

O moderno também trouxe dúvidas, medos e incertezas à população, mesmo para aqueles que aceitavam e até contribuíam com essa nova fase da cidade. Muitas vezes o novo causa surpresa, gera dúvidas, mas também pode trazer boas soluções e perspectivas para o presente e o futuro, como ressalta Sylvia Costa Couceiro, com base em Hobsbawm (Couceiro, 2003).

Dessa forma, percebe-se que a elite brasileira, na busca por uma sociedade moderna e uma ruptura com o passado, visando ingressar em um mundo civilizado aos moldes europeus, apoiava-se num discurso de apologia ao “novo”, sustentado pelo trinômio “modernizar, civilizar e progredir”, a partir de mudanças de comportamento, novas práticas culturais e novos costumes.

Espaços de Lazer no Início do Século XX

A cidade também era diversão. Os espaços de divertimento e convivência social estavam representados nos teatros, cinemas, cafés-concerto, comemoração de datas cívicas e festejos de época, como o Carnaval. Senhoras elegantes nas confeitarias, trabalhadores



e operários a se divertirem nos pastoris, as óperas no Teatro Santa Isabel e os "requebros do maxixe" no Teatro do Parque eram exemplos de lazer em espaços públicos (Couceiro, 2003).

Cinema

O cinema foi um grande transformador do panorama do Recife. De 1909 ao final dos anos 1920, mais de cinquenta cinemas se encarregavam de promover verdadeiros rebuliços na cidade. Em quase todos os bairros havia um, e alguns, inclusive, dispunham de orquestra ao vivo, que acompanhava a projeção empolgando os espectadores.

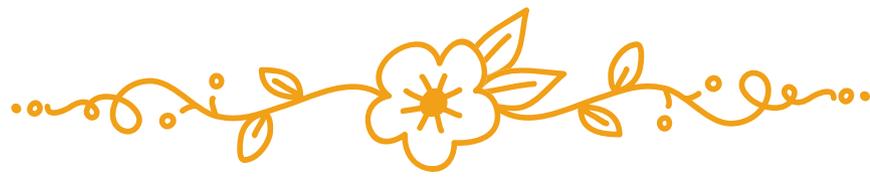
Assistir a um filme¹ no cinema, nos anos de 1920, não era apenas "assistir a um filme". Era um espetáculo! Havia, inclusive, apresentações no palco antes ou depois das projeções, com malabaristas, músicos, lutadores, comêcos, mágicos, palhaços, tudo para engrandecer a exibição. "Artes do diabo" ou "Maravilha do século", escolha sua opção. Assim era descrito o cinema, modificando o cotidiano da cidade (Couceiro, 2003).

Teatro

Outro lugar de diversão no Recife de 1920 eram os teatros, principalmente o Santa Isabel e do Teatro do Parque. Companhias de artes começavam a se tornar mais frequentes, agitando as tardes e noites da cidade com seus espetáculos, que agradavam a muitos, mas também desagradavam alguns espectadores, por violarem as normas de moralidade da época em algumas das apresentações.

Eram óperas e operetas, espetáculos líricos, comédias, revistas musicais onde o "maxixe" – conhecido como o tango brasileiro – era divulgado, sendo popularizado por todo o Brasil exatamente através





dessas apresentações. Ritmos e danças de origem norte-americana, como foxtrote e jazz, também fizeram sucesso no Recife naquele período.

Figura 4:
Teatro Santa Isabel
Foto: Lamberg,
Moritz/Brasiliana
Fotográfica.

Além do teatro, concertos musicais, recitais, exposições de pintura e palestras movimentavam a vida cultural da cidade, atraindo sobretudo o público que se considerava culto e valorizava as chamadas 'belas artes' (Couceiro, 2003, p.98).

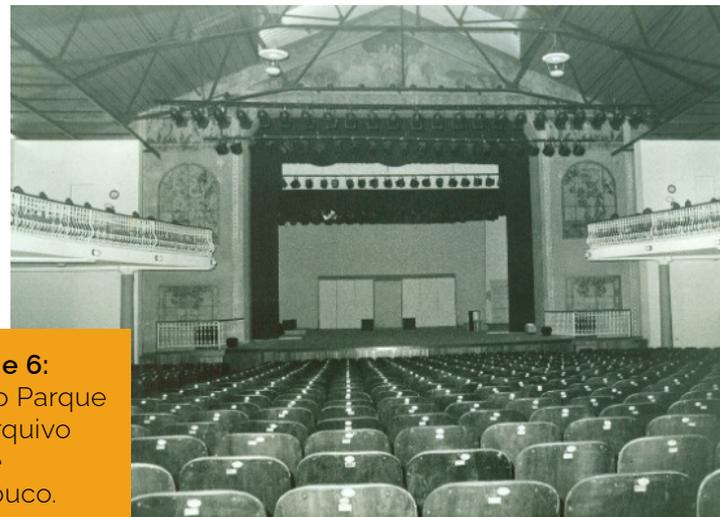


Figura 5 e 6:
Teatro do Parque
Fonte: Arquivo
Diário de
Pernambuco.

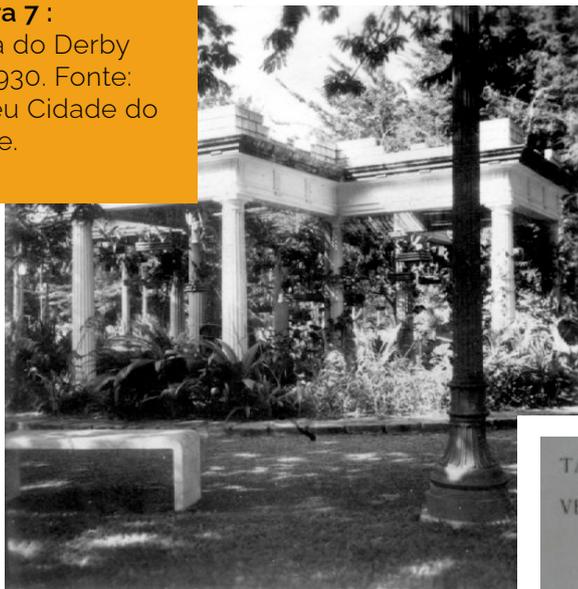


Ruas e praças

A diversão também acontecia nas ruas. Um dos eventos mais populares realizados ao ar livre na cidade do Recife eram os piqueniques. Organizados por diversas instituições e até por blocos carnavalescos, aconteciam com frequência no bairro de Dois Irmãos e em fazendas e sítios próximos à cidade.

Figura 7 :

Praça do Derby em 1930. Fonte: Museu Cidade do Recife.



Aconteciam também caminhadas e passeios pelas praças do Recife, que congregavam famílias e casais para apreciar os jardins e fontes em tardes agradáveis, ao som de bandas que se apresentavam nos coretos, executando tangos, valsas, dobrados e maxi-xes (Couceiro, 2003).

Figura 8:

Footing na Rua Nova, bairro Santo Antônio. Fonte: Fundaj – Cehibra.





Parques de diversões, prática de esportes – como turfe, remo, futebol, tênis, hipismo, natação, entre outros – também faziam parte desses espaços de divertimento. O Jockey Club, local bem frequentado pelas famílias tradicionais da elite pernambucana, além de promover a prática do turfe também organizava festas e danças destinadas à essa camada da sociedade, que podia pagar pelos ingressos.

Praias

Os banhos de mar também ganharam espaço nas primeiras décadas do século XX. Segundo Sylvia Costa Couceiro (2003), as praias passaram a representar diversão, alegria e descontração. De início, os habitantes do Recife procuravam as praias de Olinda, porém a inauguração da Avenida Beira Mar e a implantação das linhas de bonde facilitaram o acesso à praia de Boa Viagem, na zona sul do Recife, uma opção que passou a ser considerada mais elegante.

Luz elétrica

A chegada da luz elétrica, na década de 1920, foi um marco importante na cidade, trazendo consigo transformações irreversíveis na vida cotidiana dos recifenses. Havia, finalmente, a possibilidade de conservar alimentos numa geladeira, de diminuir o trabalho doméstico com os ferros de engomar, de aliviar o calor com o uso dos ventiladores e outros equipamentos modernos. Na diversão, abriu espaço para se ouvir música nas vitrolas e até congelar momentos no tempo, através da fotografia.

A chegada da eletricidade, seguida da iluminação pública das ruas do Recife, trouxe um novo costume para as elites, que antes não se



arriscavam fazer passeios à noite, quando as ruas ficavam na penumbra e eram frequentadas por moradores considerados indesejáveis à sociedade, embora isso não inibisse os passeios dos habitantes das camadas mais populares. Essa modernização permitiu que as ruas fossem melhor compartilhadas pelos moradores, e “[...] os meios de transporte estimularam desejos e comportamentos sociais diferentes” (Couceiro, 2003, p.75).

A energia elétrica também contribuiu para iluminar partes da folia durante os festejos carnavalescos, como destaca reportagem do Diário de Pernambuco que descreve a nova aparência da Rua da Imperatriz, no centro da cidade, com sua iluminação elétrica, deixando-a ainda mais convidativa para os desfiles de clubes e do curso.

É possível perceber que a modernização da cidade do Recife naquele período foi de fato intensa, trazendo melhoramentos e modificando definitivamente os costumes e o modo de vida dos habitantes.







*O Carnaval dos anos
1920 e 1930 no Recife*



A modernização da cidade do Recife no início do século XX também teve reflexos nos festejos de Momo. Segundo a historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo, o Carnaval inspirado nos modos europeus, com seu glamour e máscaras, começava a entrar em decadência no início da República. Aponta a autora como causa principal a falta de financiamento por parte dos grandes comerciantes locais, embora eles próprios se beneficiassem com a venda de artigos para os festejos (Araújo, 1996).

Os resquícios do carnaval do Entrudo, herança colonial portuguesa, ainda pouco presente nos festejos nesse período, também será substituído por modelos ditos "civilizados" de brincar o Carnaval.

As formas de festejar o Carnaval na cidade nesse período de modernização trará algumas opções de brincar a folia, dentre eles os bailes de máscaras, os clubes de alegorias e críticas, além dos clubes pedestres, maracatus, caboclinhos e bumba meu boi que animavam os foliões nos dias de Carnaval. Vamos conhecer algumas dessas formas:

As Formas de Brincar o Carnaval

Os "clubes"

A historiadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo, em sua obra "Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife", constata que no início do século XX os "Clubes Carnavalescos Pedestres", que eram formados por foliões de uma mesma categoria de trabalhadores, encontraram uma forma característica de desfilar pelas ruas da cidade, desenvolvendo cantos e manobras². Desfilavam





a pé, em contato direto com outros foliões pelas ruas da cidade. Os ensaios para as apresentações ocorriam nas sedes desses clubes ou nas ruas (Araújo, 1996).

Diferentemente dos Clubes Pedestres, os brincantes dos “Clubes de Alegorias e Críticas” desfilavam em carros alegóricos ornamentados e de críticas, puxados por tração animal. Trajavam ricas fantasias e seus membros pertenciam às elites urbanas letradas, representando um carnaval de elite. Os foliões nas ruas eram meros espectadores, com a função de aplaudir os desfiles (Silva, 2009).

Figura 9:

Desfile do Corso pelas ruas da cidade

Foto: Alexandro Auler

Acervo: FUNDAJ

Corso

A modernidade também fez surgir essa nova forma de participação na folia. O corso³ consistia em um desfile de foliões pelas ruas da cidade em carros abertos enfileirados, além de

caminhões e até carroças ornamentadas. A brincadeira era jogar confetes de papel picado, serpentina, lima-de-cheiro, bisnagas e cantilhos cheios de água perfumada, enquanto rapazes e moças tocavam e cantavam marchas carnavalescas da época, que davam muita graça ao desfile (Maior; Silva, 1991).





Clubes, blocos e troças

Outros clubes e blocos também animavam as ruas do Recife durante o Carnaval. Não era apenas a região central do Recife – formada pelos bairros de São José, Santo Antônio e Boa Vista – que abrigava as sedes dos clubes que desfilavam durante o reinado de Momo. Os arrabaldes, como os bairros de Afogados, Tejipló, Várzea, Torre, Arruda, Casa Amarela, entre outros, também apresentavam seus clubes, com boas orquestras, lindas fantasias e muita animação (Maior; Silva, 1991). Havia também as Troças⁴ que animavam as ruas da cidade. Entre elas, a troça Cachorro do Homem do Miúdo, a Camisa Velha e a Pão Duro.

Alguns clubes e blocos se desmembraram no decorrer do tempo, fosse por divergências internas entre os dirigentes, fosse por questões políticas. Um exemplo de dissidência é o bloco Batutas da Boa Vista, de onde surgiu o Batutas de São José. Outro caso ocorreu com o bloco Um Dia Só, dando origem ao Bobos em Folia. Já o Lira de Charmeon originou o Magnólia, do qual, por sua vez, nasceu o Flor da Lira, em Santo Amaro. Os blocos se dividiam, mas não abandonavam a folia. Criavam outros blocos (Maior; Silva, 1991).

Grupos de foliões inusitados também animavam as ruas do Recife com sua criatividade, como relata Apolônio Melo (1991) no seu Casamento de Vitalina⁵:

Um auxiliar das casas Pessoa de Queiroz, juntamente com outros rapazes, fizeram o casamento da Vitalina. Este rapaz se fantasiou de noiva e um outro de noivo e saíram passeando pelas ruas da cidade com grande acompanhamento de damas de honra, recebendo aplausos do povo, sendo o maior sucesso do ano (Maior; Silva, 1991, p.23).





Maracatus

Os Maracatus⁶ eram mais uma forma de brincar durante as festividades carnavalescas pernambucana. De influência afro-brasileiras, carrega inúmeras simbologias voltadas ao culto religioso que se apresentam pelas ruas da cidade em um cortejo real, em trajes de seda, veludos, bordados e com pedrarias, evocando as antigas coroações de reis e rainhas do Congo africano. Formado por um conjunto musical percussivo é composto de caixas, taróis, gonguês e alfaias (tambores confeccionados com madeira). O mais antigo e famoso deles é o Maracatu Elefante, fundado em 1800 pelo escravo Manoel Santiago. Após o falecimento do seu rei João Vitorino, em 1928, Maria Ju-



Figura 10:
Dona Santa, em
apresentação do
Maracatu
Elefante e sua
Corte.
Fonte: Acervo
Fundaj.

lia do Nascimento, mais conhecida como Dona Santa, assumiu o comando daquele maracatu⁷.

Urso ou La ursa

Os Ursos – também conhecidos como La Ursa – foram descritos pela pesquisadora e antropóloga norte-americana Katarina Real, estudiosa do Carnaval do Recife, como originais e divertidos, mais uma das inúmeras riquezas do nosso Carnaval (Real, 1991).



De origem diversa, que remontaria ao período antes de Cristo, essa influência europeia consiste em um homem fantasiado de urso e outro de domador, ligados por uma corrente, complementados por um caçador e uma orquestra tipo charanga – em geral composta por sanfona, triângulo, reco-reco e pandeiros – que desfilavam pelas ruas estreitas da cidade dançando e pedindo dinheiro (Maior; Silva, 1991).

Os bailes

Outra maneira de brincar o Carnaval eram os Bailes, que aconteciam em espaços privados, nos salões dos clubes mais elegantes da cidade, como o Club Internacional, o Jockey Club e o Clube Alemão. Direcionado para um público mais seleta, que podia arcar com o valor dos ingressos, contava com foliões desfilando fantasias luxuosas pelos salões decorados. Eram eventos que agradavam à



Figura 11:
Fantasia de La Ursa
no carnaval
Fonte: Acervo
Fundaj



sociedade mais abastada da época, um espaço de socialização e convivência, inclusive durante os anos trinta (Lucas, 2009).

Esse conjunto de manifestações populares, herdadas de culturas outras, fazem parte da diversidade de ritmos e, reunidos, definem a originalidade do Carnaval do Recife, expressando toda diversidade na sua linha do tempo carnavalesco.

Figura 12:
Foliões fantasiados
em um clube da
cidade de Recife - PE
Fonte: Revista da
Cidade, 1927
Acervo Fundaj.





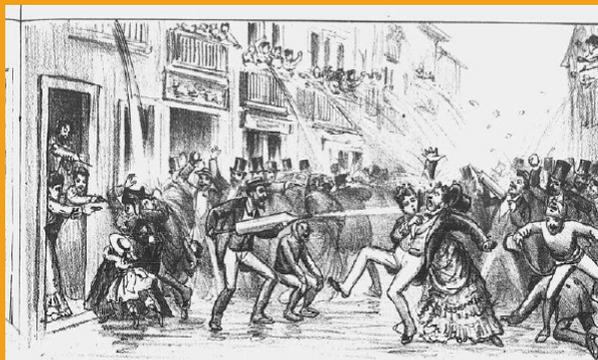
“Você conhece o Entrudo?”

Voltando um pouco ao século passado, apenas a título de informação histórica sobre os primeiros carnavais no Brasil, fazemos a pergunta: Você conhece o Entrudo?

O Entrudo⁸ foi uma das primeiras formas de brincar o Carnaval no Brasil. Estava associado ao ciclo litúrgico católico e acontecia nos três dias anteriores ao período da Quaresma, a quarentena de Páscoa para os católicos. Conhecido por “*dias gordos*”, era uma festa regada a muita bebida e prazeres da carne, segundo a historiadora Rita de Cássia Araújo (Araújo, Rita, 1996, p.121).

A prática carnavalesca do Entrudo era uma comemoração simples. Trazida pelos colonizadores portugueses e praticada em várias cidades do Brasil, tratava-se de um jogo de “atirar água

Figura 13:
Cena de Entrudo
em 1880, em
desenho de Angelo
Agostini. Fonte:
Revista Ilustrada,
1880, ed 195¹⁰.



A figura 13 retrata uma cena do entrudo registrada através do desenho de Angelo Agostini, publicada na Revista Ilustrada em 1880, na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 14:
Viagem pitoresca e
Histórica do Brasil,
Debret, 1834-1841.
Fonte: História
com Gosto, 2017¹².



A imagem retratada por Debret¹¹ em seu livro "Viagem pitoresca e Histórica do Brasil" (figura 14), apresenta o Entrudo sendo praticado na rua por negros e escravizados com o uso de polvilho, alvaiade e água. O transeunte ao passar pela rua seria surpreendido por brincantes que lhe atirava água e polvilho na face.

O Entrudo era praticado pela população do Brasil colônia nas ruas por escravizados e homens pobres. Às moças, senhoras e sinhazinhas da alta e média sociedade era permitido brincar o Entrudo em seus sobrados e residências, sem contato com a rua, onde participavam do folguedo vizinhos, fa-

miliares e amigos, todos do mesmo estrato social.



Figura 15:
Brincadeiras
de Carnaval,
Augustus Earle.
Fonte: História
com Gosto.
Biblioteca
Nacional da
Australia¹³.

Como podemos observar na imagem (figura 15) homens e mulheres brancos e bem-vestidos a participarem do festejo em suas residências e os escravizados com a tarefa de abastecer a brincadeira com as limas de cheiro.

Com o propósito de transformar o carnaval do Brasil e de Recife num belo espetáculo aos moldes dos festejos de Veneza, Roma, Paris e Nice, as elites urbanas se unem com o objetivo de eliminar o Entrudo.

Mas nem tudo era alegria. Havia aqueles que recheavam as tais limas de cheiro com lama, urina, água de esgoto e tiragem de ovos. Era violento, sendo registrado pela imprensa e considerado tão diferente pelos viajantes estrangeiros¹⁴ que passaram pelo Brasil durante o século XIX que fizeram anotações e longos comentários em seus diários e relatos de viagem.

Esses registros feitos pela imprensa e viajantes estrangeiros foram de grande importância pois, devido aos detalhes em suas descrições, ajudaram pesquisadores e historiadores, tornando-se fontes imprescindíveis sobre o Entrudo e outras manifestações sociais e culturais.





A diversão do Entrudo começou a ser questionada pela própria elite que dela também desfrutava. As expectativas para o futuro estavam chegando com os ares da modernidade e civilidade, introduzidas pelos costumes europeus, e assim o Entrudo passou a ser considerado ofensivo a moral pública e indisciplinado, sendo fiscalizado e repreendido pelas autoridades locais, porém sua prática prolongou-se até o início do século XX.







Figura 16: Detalhe do curso com foliões fantasiados e detalhe para o folião com seu nariz e bigode postiço.

Adereços Para Brincar o Carnaval

Entre os vários adereços utilizados para brincar o Carnaval nas primeiras décadas do século XX, eram oferecidos aos foliões barbas, narigões e bigodes postiços, máscaras e flores de papel crepom, que serviam para ornamentar desde os veículos que desfilavam pela cidade como os cabelos das foliãs. Havia ainda os jetones, confeito cônico preso a tiras de papel multicoloridas, que serviam de "correio" para troca de mensagens entre os jovens enamorados (Silva, 2019).

Os jornais da época, em colunas específicas que abordavam o tema Carnaval, anunciavam as principais e mais fa-

confete dourado, última novidade para o Carnaval, e especialmente as lança-perfumes. Local onde os blocos das Flores e Concórdia vão comprar, anunciava o jornal A Província¹⁶.

Figura 19:

Anúncio publicado na imprensa com personagens famosos recomendando as lança-perfume
Fonte: Acervo Estadão, 1936.

Lança-perfume, o inocente brinquedo de Carnaval

Ao lado dos confetes e serpentinas chegava ao Carnaval do Recife a lança-perfume. Destacada como a “grande invenção” surgida no Carnaval brasileiro de 1906, é notável a sua divulgação e consumo, anunciados nos jornais da época (Silva, 2019).

Anúncios cheios de alegria, exibindo foliões fantasiados, colombinas graciosas segurando o produto, e até personagens de



Figura 20:

Anúncio utilizando uma conotação política para vender a lança-perfume. Fonte: Acervo Estadão, 1936.



Figura 21:
Foliões utilizando
suas lança-
perfumes nos
salões de baile.
Fonte: Acervo
Estadão, 1961.

televisão, como os comediantes "O gordo e o magro"¹⁷, que se renderam ao seu perfume. Outros anúncios traziam alguma conotação de crítica política, onde "Até a crise sorri" ao sentir o perfume, como no anúncio de 1936 da lança-perfume Colombina.

As primeiras lança-perfumes, fabricadas na Suíça, chegaram ao Rio de Janeiro em 1906 e sua comercialização se espalhou de norte a sul do País. Seu uso durante a folia servia para fazer a “corte” às damas, e tinha por objetivo perfumar e agradar o sexo oposto, como descreve Silva (2019). Ele afirma que essa forma romântica de recomendação do uso do adereço durante a folia perdurou durante muitos anos no Brasil.

A aceitação entre os foliões foi tão positiva que foi aberta no Recife uma fábrica de lança-perfumes¹⁸. As primeiras unidades foram envazadas em recipientes de vidro, o que terminou



Figura 22:
Caixa de lança-perfumes e manual de instrução.
Fonte: Acervo Estadão, 1950.



Figura 23:
Casal de foliões
posa exibindo
lança-perfumes
no Carnaval. Fonte:
Acervo Estadão, 1950.



causando acidentes. Em bailes de Carnaval, passou a ser comum encontrá-los. Mulheres usavam o adereço enquanto dançavam no salão e até posavam para registrar em fotografia a folia de Momo sendo aproveitada ao sabor de uma lança-perfume.

Do lançamento à proibição

Denominada como "a maior de todas as invenções" do Carnaval brasileiro, a lança-perfume rapidamente caiu no gosto dos foliões. Porém, o seu mau uso por alguns brincantes, como esguichar o produto nos olhos das pessoas e o hábito de tomar "porre de lança", contribuiu para a proibição do tão romântico brinquedo. A partir daí, a lança-perfume passou a fazer parte das proibições nas portarias policiais (Silva, 2019).

Em 1960, o então presidente da República, Jânio da Silva Quadros, interferiu na comercialização e uso da lança-perfume, decretando a proibição de fabricação, comércio e uso no território nacional¹⁹.

O Carnaval dos Blocos

Como dito anteriormente, o Carnaval do Recife já era permeado por diversas formas de festejos. Percebe-se que nas primeiras décadas do século XX a festa ganhava mais importância cultural no cenário da cidade. Os foliões mais abastados tinham nos glamourosos blocos carnavalescos o seu reduto, enquanto o protagonismo das camadas populares era evidenciado nos clubes pedestres que, apesar de disporem de poucos recursos financeiros, esbanjavam criatividade e alegria.

Pode-se dizer que os blocos carnavalescos surgiram no Carnaval





do Recife naquele período como “expressão do moderno”, representantes dos novos costumes que haviam começado a chegar à cidade desde o final do século XIX. O Carnaval dos blocos foi direcionado para uma elite à moda da *Belle Époque*, representando a imagem moderna do Recife, na qual o povo seria apenas espectador da forma civilizada de participar da folia (Silva, 2009).

A imprensa registrou esse surgimento como “uma nova prática carnavalesca entre as elites urbanas”, que antes brincavam o Carnaval em clubes de alegorias e críticas, no corso e nos clubes elegantes da cidade, mas agora ocupavam as ruas, em uma “expressão da identidade nacional-popular brasileira [...] uma manifestação que transita entre práticas modernas e representações nacionais” (Silva, 2009, p.146).

Responsável pela produção de imagens de uma nova cidade que evoluía, a imprensa divulgava o carnaval dos blocos como um símbolo da modernização, à medida que a identidade do Recife era redefinida. A presença dos blocos representava a imagem de uma cidade moderna.

Vale destacar a origem e originalidade dos nomes dos blocos. Alguns faziam alusões a regiões e acontecimentos históricos ocorridos na Europa, referência de modernidade, como Andaluzas, Verdum e Marne e Lyra do Charmignon. Outros usavam o nome do bairro onde ficava sua sede, como Batutas da Boa Vista, Madeira do Rosarinho e, em alguns casos, pode-se notar a criatividade dos grupos de foliões que usam provérbios populares locais na escolha dos nomes, como Apois fum e Se tem bote (Silva, 2009).

Apesar de seus componentes, entre foliões e músicos, serem uma maioria masculina, havia também a presença feminina da camada social mais abastada²⁰ das elites recifenses em suas apresentações.



A presença das mulheres nos desfiles dos blocos terminou estimulando a formação de um coral feminino, que desfilava protegido por um cordão de isolamento, em geral formado pelos pais, maridos, irmãos e outros parentes, garantindo maior segurança durante o cortejo pelas ruas.

Diferentes dos clubes pedestres, que eram formados por foliões da mesma categoria de trabalhadores, os blocos carnavalescos surgiram a partir de reuniões festivas, como saraus e serenatas, promovidas pelas famílias das elites urbanas residentes em bairros centrais do Recife, como São José e Boa Vista, que não participavam das festas de salão promovidas pelos clubes.

As agremiações estavam nas ruas junto com os Clubes Pedestres, as bandas militares que os acompanhavam e muitas confusões. Havia uma preocupação das autoridades policiais e dos organizadores dos carnavais com as brigas, violências e até mortes entre os clubes carnavalescos pedestres. Segundo relata Leonardo Dantas (2019) as primeiras tentativas de coibir a violência entre os clubes data de 1911, quando foi realizado o I Congresso Carnavalesco Pernambucano. Eram intervenções necessárias para manter a disciplina, pois a sociedade queria participar das festividades sem medo e violência.

Em 1932 os próprios carnavalescos fundam a Liga Carnavalesca do Recife²¹ e em 1934, sob a sugestão do jornalista Mario Mello fundam a Federação Carnavalesca Pernambucana - FECAPE, com o propósito de ordenar, regular, coibir a violência, além de controlar e fiscalizar o carnaval e, para garantir a sua imparcialidade, não era permitido na sua diretoria participantes dos clubes.

A Federação surge no período pós-trinta onde as festas coletivas como o Carnaval despertavam preocupação para esse novo regime





de governo. Além de coibir entre esses grupos a disseminação de ideias ameaçadoras à ordem pública, a federação era uma aliada das autoridades políticas e policiais no controle social das classes populares. A preocupação era o perigo da disseminação de ideias comunistas entre as agremiações atuando a Federação como "função pedagógica" (Silva, 2016).

Porém, analisando os documentos e estatutos da Federação percebe-se nas entrelinhas outros interesses, quando em memorial dirigido à Assembleia Legislativa pelo seu primeiro presidente o norte-americano J. P. Fish, conhecido por Mister Fish, destaca a proibição de qualquer manifestação de caráter político na federação e nos clubes filiados. Ou seja, estavam preocupados em particular com a propagação do comunismo que poderia recrutar adeptos entre as camadas populares. Devemos lembrar que também no século XX "o movimento operário, as greves, comícios e agitações políticas ganhavam força entre as camadas populares"²², deixando a classe política não satisfeita com esse rumo da festividade.

Uma das características dos blocos eram as orquestras. Formada por instrumentos de corda e sopro, ficaram posteriormente chamadas de "pau e corda" – violões, bandolins, banjos, flautas e clarinetes – produzindo ritmos variados de música e distintos das orquestras dos clubes pedestres da época²³.

Para anunciar seu cortejo os blocos utilizavam o "Flabelo" – espécie de cartaz contendo o símbolo, o nome do bloco e o ano de fundação. Sua função era guiar o cortejo dos foliões pelas ruas, embalados por músicas e danças com uma coreografia mais lenta (Bezerra, 2006). Os blocos desfilavam pela cidade e, durante o percurso,



incluíam visitas às sedes dos seus congêneres e dos principais jornais da época. Percebe-se daí sua relação próxima com a imprensa local e a importância que era destinada à mídia para divulgação e promoção das agremiações.

Os blocos contribuíam para traduzir a junção entre o tradicional e o moderno da década de 1920. Tradicional por manter a forma familiar de brincar o Carnaval, e moderno por fazer parte desse ideário de evolução e progresso pelo qual passava a cidade do Recife. Era uma nova forma de brincar o Carnaval, diferente das troças, maracatus e demais agremiações com as quais dividiam as ruas.

E assim, outros blocos carnavalescos mistos desse mesmo segmento também desfilaram no Carnaval do Recife, como o Bloco Batutas da Boa Vista (1923), Apois Fum (1925), Madeira do Rosarinho (1926), Inocentes do Rosarinho (1926) e o Bloco Concórdia, fundado por Nelson Ferreira, entre outros.





O Bloco das Flores



A formação dos blocos carnavalescos mistos transformava a paisagem e os hábitos da época durante o período carnavalesco, agregando novos elementos às celebrações. A estrutura do bloco demandava, desde a sua criação, uma fantasia diferente, uma melodia específica, uma apresentação distinta.

O Bloco das Flores foi um dos primeiros a surgir no Recife dentro dessa categoria de bloco carnavalesco misto²⁴ e, como outros similares, foi idealizado por um grupo de artistas, jornalistas e compositores de marchinhas de Carnaval. Sua fundação é atribuída a Pedro Salgado, conhecido como Coronel Pedro Salgado, português por nascimento que veio morar no Brasil, fixando residência no Recife.

Vale ressaltar que seu nome, inicialmente, era "Bloco Flores Brancas", conforme registrado pelo jornal Diário de Pernambuco, na edição de 28 de janeiro de 1921. A reportagem apesar de classificá-lo como "troça composta de rapazes decentes do comércio", o bloco era composto também por mulheres, jovens senhoritas e senhoras da classe média urbana que também desfilavam durante os festejos. Nessa mesma publicação foi informado ainda sobre a eleição da diretoria, a realização de ensaios e a composição da orquestra, com "violinos, violões, bandolins, flautas, pandeiros, maracás, reco-reco e triângulo". Dessa forma, diante desse registro na imprensa local pode-se inferir que sua fundação data do ano de 1920.

A cor "branca" em seu nome provavelmente estava relacionada à pureza, paz, inocência, virgindade. É possível afirmar que se tratava de uma referência às participantes, por serem jovens "moças de família", numa época em que se valorizava a virgindade, a inocência e a pureza da mulher.





Figura 24:
Registro
mudança do
nome. Fonte:
A Província,
24/02/1922

Outra importante contribuição para o surgimento do bloco carnavalesco foi dada pelo compositor oficial e diretor da orquestra, Raul Moraes, que recebeu o título de "Príncipe das Marchas de Bloco", em razão dos variados gêneros musicais que produziu em seu repertório. É de sua autoria o hino do bloco – "Marcha da Folia" – composto em 1924, que embalava o cortejo na saída, assim como a "Marcha Regresso", datada do mesmo ano, que marcava o retorno do bloco à sua sede, após percorrer as ruas da cidade.



Após dois anos de fundação, por sugestão do jornalista Guilherme de Araújo, do Jornal Pequeno, o nome seria modificado para "Bloco das Flores". A mudança foi registrada na coluna Carnaval do jornal A Província, em sua edição de 24 de fevereiro de 1922.

O jornal Diário de Pernambuco, em sua edição de 24 de fevereiro de 1922, também noticiou a mudança do nome do bloco, informando que "as gentis senhoritas e rapazes que compõem a agremiação do bairro de São José resolveram aceitar oficialmente a denominação de Bloco das Flores – sugerida por este Diário" (SILVA, 2019, p.172). Comparado as duas versões publicadas em jornais da época, comprovamos que realmente a agremiação passou a ser chamada "Bloco das Flores" a partir de 1922, dois anos após sua fundação.

denominação de Bloco das Flores – sugerida por este Diário" (SILVA, 2019, p.172). Comparado as duas versões publicadas em jornais da época, comprovamos que realmente a agremiação passou a ser chamada "Bloco das Flores" a partir de 1922, dois anos após sua fundação.



INSTRUMENTOS DA BANDA DE PAU E CORDA



Bandolim: Instrumento de cordas no formato semelhante a uma pera, podendo ter as costas abauladas ou retas. Da família dos cordofones, possui cordoamento duplo, ou seja, quatro pares de cordas, e sua afinação é da mesma forma que o violino: Sol, Ré, Lá, Mi. As origens do bandolim remontam à Itália do século XVI.



Contrabaixo: Instrumento de corda, chamado anteriormente de rabecão. É tocado, geralmente, com arco, na posição vertical colocado entre as pernas, possui quatro cordas afinadas em quintas. Feito principalmente de madeira e alguns componentes e pequenos detalhes feitos de aço, borracha e outros materiais.



Flauta: Instrumento de sopro feito de diversos tipos de madeiras com formato de um tubo com orifícios. Além da voz, as flautas são



Sendo criado por um grupo de foliões, amantes do carnaval, o Bloco das Flores também possibilitou que as “moças e mulheres de família” brincassem o Carnaval nas ruas do Recife. As integrantes eram folionas pertencentes à classe média e à pequena burguesia, que não participavam do carnaval de rua no qual estavam incluídos os clubes pedestres²⁵, tido como uma festa popular, violenta e suja.

O primeiro secretário, Euclides Guerra, faz constar uma nota no jornal A Província sobre uma reunião que aconteceu no dia 08/03/1923 na sede do Bloco das Flores, convocada para eleição da nova diretoria para o período de 1923/1924. A conclusão da reunião deu-se com a reeleição dos membros da diretoria passada com a aprovação dos associados “atendendo assim aos justos pedidos das exmas. famílias residentes nos bairros de S. José e Boa Vista”, e ficando deliberado também que o bloco “tomará parte no 2º Carnaval” e que iniciará na próxima semana os ensaios das novas composições (A Província, 14/03/1924).

Essa informação nos faz perceber qual estrato social de seus foliões compunha o bloco. Eram famílias que residiam nos bairros mais elitizados do Recife entre 1920-1930, sendo os componentes do bloco pertencentes às famílias de classe média, que residiam



conhecidas por serem os primeiros instrumentos musicais. É a mais versátil dos instrumentos de sopro. Da música medieval ao jazz, passando pelas melodias folclóricas de vários países, como no Brasil, em ritmos como o baião, o choro, o samba, a bossa, entre outros.

Banjo: Outro instrumento de corda.

De formato circular, com uma abertura fechada circular na parte superior.

Atualmente produzida em

PVC, sobre o qual se retesa uma pele (antigamente pregada, hoje presa por um mecanismo de cola sintética), um braço longo e fino.



Violão: O mais popular e conhecido instrumento de corda. Formado por um corpo oco e chato, em forma de oito, feito de várias madeiras diferentes. O braço possui trastes que o torna um instrumento temperado, comumente é composto de seis cordas, mas há variações com outras configurações, como o violão de sete cordas e o violão baixo com 4 cordas.



nos bairros tidos como de “elite” nesse período.

A organização do bloco era composta por uma Diretoria Efetiva com presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário, orador, diretor de orquestra, diretor de ensaios, fiscal e zelador, e ainda um Conselho Fiscal, uma Comissão de Sindicância e a Diretoria de Honra. Percebe-se que o bloco era constituído de regras e orientações, não era apenas um grupo de foliões que saíam pelas ruas a festejar os dias de carnaval (DIARIO DE PERNAMBUCO, 23/03/1924, p.7)

O Bloco das Flores conseguia atrair inúmeros foliões aos seus desfiles, sempre anunciado e elogiado nos jornais locais. Era citado como um grupo cativante, com cantos maviosos e marchas belíssimas. Após os ensaios, saíam em passeata pelas ruas da cidade visitando seus congêneres e os principais jornais.

O Diário de Pernambuco publicou, em 18 de fevereiro de 1922, notícia sobre o desfile do bloco pelas principais artérias da capital, com “as graciosas senhoritas e os distintos moços” desfilando “com a máxima galhardia, no reinado álaure do Deus Momo”. E ao passar pela sede do jornal, “uma enorme multidão entusiasmada” acompanhava, cantando “ao som de uma afinada orchestra”. A reportagem reforça a relevância do bloco para o Carnaval (DIARIO DE PERNAMBUCO, 18/02/1922, p.2).



Outra nota, publicada no jornal A Província em 19 de janeiro de 1923, na seção Carnaval, elogiava a "rapaziada das Flores", classificando-a como foliões que demonstravam "paixão sincera pelo Rei da Folia" em seus ensaios com muita animação. O bloco é descrito como sendo "composto de tudo quanto é belo e sublime", e dispendo de "cantos maviosos e marchas belíssimas", que soube "mostrar o seu valor e manter a sua linha carnavalesca". (A PROVÍNCIA, 19/01/1923, p.3).

Os ensaios do Bloco das Flores também eram registrados pelos jornais locais. O Jornal Pequeno noticiou o ensaio geral "do pessoal fidalgo" do bloco que, sem dúvidas, será "a nota chic da noite", com suas marchas e músicas novas e, aproveitando a ocasião, o "querido Bloco da Campina do Bodé" cumprimentará a imprensa (JORNAL PEQUENO, 29/02/1924, p.2).

Percebe-se, por esses e tantos outros anúncios e publicações na mídia, que os componentes e foliões do bloco pertenciam a uma classe média diferenciada. Um bloco formado por famílias da elite urbana, que se encaixava nos novos ideais de modernidade e que brincavam um carnaval com ordem e respeito.

Colocar um bloco carnavalesco nas ruas não era tarefa fácil. As despesas relacionadas a estrutura e a adesão e empenho dos sócios contava muito. No Carnaval de 1925, que aconteceu entre os dias 21 e 24 de fevereiro daquele ano, o Bloco das Flores não desfilou pelas ruas da cidade. A nota publicada na imprensa local expôs os motivos dessa decisão como sendo a crise e a revolução, sendo uma tristeza "não sair o grande bloco" que tem uma pujante orquestra e lindas marchas. Porém acontecerá um "animadíssimo recreio-dançante a fantasia" na casa do seu presidente coronel Pedro Salgado no sábado de Zé-Pereira (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 14/02/1925, ed.38, p.2).



Figura 25:

Publicação do jornal Diário da Manhã recordando os antigos carnavais. Fonte: Diário da Manhã, 1936.

Nas leituras de livros, artigos e jornais pesquisados não foi encontrada uma data precisa em que o Bloco das Flores parou de desfilar. Uma notícia, veiculada pelo Diário da Manhã em 08 de fevereiro de

1936, oferece apenas uma hipótese do período em que a paralisação veio a ocorrer.

O jornal reportava que a Rádio Clube de Pernambuco, em seu programa "Hora da Saudade" – à época veiculado todas as terças-feiras até o período de Carnaval – havia divulgado a seguinte notícia:

"[...] aos antigos foliões do tempo dos CAIADORES, BLOCO DAS FLORES, PIRILAMPOS e APOIS FUM, recordações bem vivas de muitos dias de folia que passaram e que não voltarão mais". (Diário Da Manhã, 08/02/1936).

Em se tratando de uma nota publicada em 1936, já relembrando antigos blocos que desfilaram no Carnaval, pode-se deduzir que o Bloco das Flores teve seu fim antes daquele ano. Citando a "Marcha da Folia", o autor da nota publicada pelo





referido periódico²⁶ expressa um sentimento de saudade, inclusive tecendo elogios aos fundadores Pedro Salgado e Raul Moraes, que traziam alegria para as ruas do Recife durante o Carnaval com "um brilhantismo que não tem hoje".

Do teor da nota publicada no Diário da Manhã pode-se deduzir também que não apenas o Bloco das Flores havia deixado de desfilar, mas também outras agremiações que se perderam no tempo. O autor agradece a iniciativa da rádio e por fim afirma que aquela saudosa recordação dos carnavais passados poderia estimular os foliões a caírem no passo com mais vontade, "porque o Carnaval de Pernambuco é o melhor do mundo" (DIÁRIO DA MANHÃ, 08/02/1936).

Apesar dos poucos registros sobre os blocos carnavalescos mistos no Carnaval do Recife, é importante destacar os recentes trabalhos de Juliana Dias Palmeira, Lucas Victor Silva, Júlio César Vila Nova, Mário Ribeiro dos Santos e Maria Isabelle Domitilia Barros Pereira, que trazem abordagens sobre o tema. Era uma nova forma de brincar o Carnaval, diferente das troças, maracatus e outras que ocupavam as ruas da cidade, que inseriu uma nova classe social nos festejos de Momo: a elite da classe média urbana, que não tinha condições de participar dos bailes de máscaras nos clubes da cidade, mas desejava brincar o Carnaval.

Com o falecimento de Pedro Salgado e Raul Moraes, em 1937 encerrava-se a primeira fase do Bloco das Flores. Após desfilar por aproximadamente dezessete anos, o grupo se despediu do Carnaval do Recife, mas permanece na memória dos foliões, além de ter gravado seu nome na história como pioneiro no formato de agremiação carnavalesca mista. Ressalte-se ainda o fato de que inúmeras canções ainda mencionam o Bloco das Flores nos dias atuais.



Os Fundadores

Historiadores, pesquisadores e autores de trabalhos sobre o Carnaval, ao escreverem a respeito do Bloco das Flores, costumam atribuir sua criação ao senhor Pedro Salgado, ou coronel Pedro Salgado, como era conhecido na sociedade pernambucana e pelos foliões. O fundador e primeiro presidente do Bloco das Flores, falecido em 1937, nasceu em Portugal e mudou-se para o Brasil, fixando residência no Recife. Não era apenas um entusiasta do Carnaval, chegando também a se envolver com as artes cênicas, como ator de cinema no filme "A Filha do Advogado"²⁷, no qual atuou ao lado dos filhos Olyria Salgado e Pedro Salgado Filho.

Nas pesquisas realizadas em jornais verificou-se fazer referência ao fundador do bloco Pedro Salgado como "corretor desta praça", inclusive com publicação de anúncios de venda de casas e sobrados, tendo ao final a indicação de "tratar com Pedro Salgado" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 01/11/1925).

Sobre ser chamado de "coronel" como posto superior das forças armadas brasileiras, foram encontradas ocorrências relacionadas a sua "Vida Militar" e sobre ele fazer parte da Associação Pernambucana de Escoteiros, onde novos participantes receberam "instruções profissionais de Pedro Salgado escoteiro oficial e reservista do exército brasileiro", de onde pode-se entender ter ele realmente a patente de coronel de carreira militar (DIARIO DE PERNAMBUCO, 01/10/1926).

O jornalista Aristófanes da Trindade chegou a descrever, em reportagem publicada no Diário de Pernambuco do dia 29 de novembro de 1976, uma reunião de um grupo de amantes do Carnaval – tendo entre eles Pedro Salgado, Felinto, Guilherme de Araújo (repórter do Jornal Pequeno) e Fenelon. O encontro teria se dado na casa de Pedro



Figura 26:
Coronel Pedro Salgado
(????-1937)
Fonte: Arquivo Pessoal
Jane Emirce.

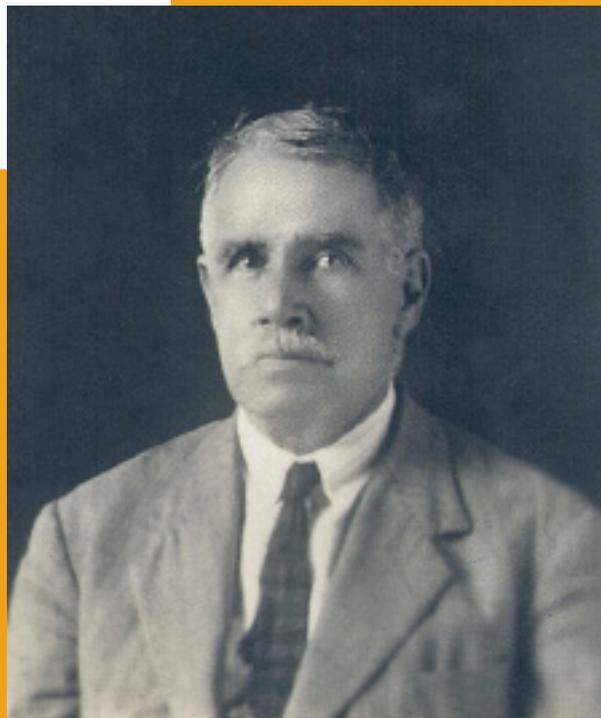


Figura 27:
Coronel Pedro Salgado
(????-1937)
Fonte: Arquivo Pessoal
Jane Emirce.



Salgado, com a presença de famílias amigas que moravam na região da Campina do Bodé, área correspondente às ruas Imperial, Vidal de Negreiros, do Forte, Augusta e Concórdia, hoje chamada de Praça Sérgio Loreto, e naquele evento, esse grupo teria fundado o Bloco Carnavalesco Flores Brancas. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29/11/1976).

Se por um lado são escassas as informações e fontes acerca do fundador do bloco, coronel Pedro Salgado, o mesmo não acontece com seu importante diretor da orquestra e compositor oficial, Raul Corumila de Moraes (1891/1937), ou simplesmente Raul Moraes, famoso musicista que contribuiu enormemente para o sucesso da agremiação. O maestro recebeu o título de "Príncipe das Marchas de Bloco" em razão dos mais variados gêneros inseridos em seu repertório.

De acordo com o pesquisador Leonardo Dantas Silva, Raul Moraes se destacava, sobretudo, pelas suas belas introduções, riqueza melódica e conteúdo poético das letras, até hoje não superadas (Silva, 2019).

Sobre o musicista e maestro Raul Corumila de Moraes, a documentação encontrada na coleção de José Ramos Tinhorão, sob custódia do Instituto Moreira Salles²⁹, inclui um acervo discográfico de sua autoria registrado pela histórica gravadora Rozenblit, situada no Recife e responsável por exportar a música pernambucana para o mundo até meados da década de 1980, quando fechou suas portas.

Raul Moraes nasceu em 02 de fevereiro de 1891, na Rua da Soledade, nº 25, bairro da Boa Vista, no Recife. Estudioso e excelente pianista, se destacou logo cedo no mundo musical. O acervo disponibilizado no Instituto Moreira Salles,

Figura 28:

Raul Corumila de Moraes. Fonte: Arquivo pessoal de Jane Emirce²⁸.





através de um post assinado por Fernando Krieger, traz um relato do seu irmão mais novo, Edgard Moraes, também compositor, com passagens da história desse músico. O instituto também guarda em seu acervo uma discografia do músico em gravações originais.

Renomado pianista, Raul Moraes tocava nas melhores casas de diversão da cidade naquela época, como o Café Chic, A Juventude e o Cineteatro Helvética. Ficou conhecido nacional e internacionalmente, viajando pelo Brasil e por países como Argentina e Portugal. Foi também professor de piano na Academia de Canto e Música de Porto Alegre entre 1910 e 1920 (Bezerra, 2006).

Ao retornar ao Recife, em 1922, Raul Moraes passou a publicar nos jornais da época seus conhecimentos como maestro, compositor e professor de música, piano e solfejo, utilizando os métodos mais modernos, como relembra seu irmão Edgar Moraes. Assim, ficaria conhecido na cidade pelos seus méritos como regente e arranjador.

O jornal A Província publicou um de seus anúncios, com o título "Maestro Raul C. Moraes", que se apresenta "com prática de teatro de variedades, revista, experiência em dirigir orquestras e dispondo de vastíssimo e escolhido repertório moderno". Tal repertório teria sido adquirido quando de sua passagem pela Europa e pelo Sul do Brasil, "encarregando-se de orquestrações e orquestra para cines, teatros, bailes e banquetes." Ao final, o anúncio disponibiliza o endereço para os interessados entrarem em contato (A PROVÍNCIA, 28/12/1922).

Talentoso e diversificado em suas composições, Raul Moraes se destacou como compositor de valsa, tango, marcha, foxtrote, foxblues e outros gêneros musicais. Nas composições realizadas para o Bloco das Flores, o maestro costumava escrever nas partituras uma dedicatória, seguida do estilo de cada canção (Silva, 2003).



Figura 29:
Partitura escrita por
Raul Moraes para
o Bloco das Flores.
Fonte: Silva, 2003.
Raul Moraes,
repertório





No entanto, foi como compositor de frevo de bloco que Raul Moraes terminou imortalizado na história da música carnavalesca e no coração dos foliões. É de sua autoria o hino do Bloco das Flores – “Marcha da Folia” – maior sucesso do Carnaval de 1924, assim como a “Marcha Regresso”, também de 1924, além de muitas outras canções³¹.

Raul Moraes morreu no Recife, em 06 de setembro de 1937³², aos 46 anos de idade. A nota de falecimento foi publicada no Jornal do Recife, em no dia 09 de setembro de 1937. O Bloco das Flores foi contemplado com vários frevos escritos em sua homenagem por compositores como Nelson Ferreira, Romero Amorim, Getúlio Cavalcanti e Alceu Valença.

As Mulheres

A vida das mulheres no início do século XX não era fácil. Às representantes da classe média urbana restava serem recatadas e do lar, viverem em função da casa, do marido e dos filhos. Mas eis que nos sopros da modernidade dos anos 1920, tudo estava sendo transformado e reformado, tendo o progresso como principal incentivador. É nesse contexto que vamos perceber a participação das mulheres da classe média urbana nos festejos de Momo.

As escassas fontes e bibliografia que tratam da presença feminina no Carnaval das primeiras décadas do século XX dificultam uma compreensão mais robusta dessa representação. Nas pesquisas relacionadas à participação das mulheres percebe-se um senso comum



entre historiadores e pesquisadores quando relacionam essa presença feminina da classe média urbana aos blocos carnavalescos mistos surgidos nos anos 1920 no Recife.

Naquele período, não era visto com bons olhos pela sociedade a presença feminina da classe média urbana nas ruas durante o Carnaval, conforme destaca Rita de Cássia Barbosa de Araújo, em sua obra "Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife":

Estavam elas sob rígidos padrões morais, voltados quase que unicamente para controlar e conter o comportamento da mulher, tolhendo-a e censurando-a em seus gestos, olhares, gostos e, se possível, pensamentos. (Araújo, 1996, p.126).

Em um artigo intitulado "Bloco Misto: A presença das mulheres no Carnaval de rua do Recife na década de vinte do século 20", Juliana Palmeira e Ricardo Pacheco analisam a questão das mulheres como ocupantes do espaço público, retratando essa nova forma de festejar o Carnaval dos anos 1920 e apontando o bloco misto como um concorrente com outras formas de brincar já existentes: os bailes em clubes, os clubes pedestres, os maracatus, os caboclinhos (Palmeira; Pacheco, 2013).

Os autores apontam as transformações socioeconômicas e a chegada do progresso como contributos para deflagrar essa participação. O bloco misto era uma nova forma de brincar o Carnaval, diferente das troças, maracatus e outras que ocupavam as ruas da cidade. As famílias da classe média que não tinham condições financeiras de participar dos majestosos bailes dos clubes, mas que desejavam brincar o Carnaval sem ter que optar pelos clubes pedestres viram nesse formato a possibilidade de se engajar com segurança.





A participação feminina no Carnaval do Recife acontecia nos salões do *Club Internacional* ou do *Jockey Club*. Entretanto, eram as mulheres da elite, que tinham condições financeiras de bancar seus acessos.

Com o propósito de facilitar a participação das moças de família na festa carnavalesca, num período em que o Recife passava por transformações e modernidades aos moldes europeus, dava-se um caráter mais familiar aos ensaios e acertos de marchas dos blocos, que eram realizados em locais fechados, em geral na residência do seu fundador.

O Bloco das Flores, indicado por historiadores como um dos primeiros nessa categoria, estimulava essa característica familiar realizando seus ensaios na casa do coronel Pedro Salgado, na Rua Imperial, nº 365, bairro de São José. "A grande festa pública carnavalesca acontecia, de fato, nas principais freguesias do Recife: Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista". (Araújo, 1996, p. 232).

Presentes aos desfiles dos blocos mistos, as mulheres assumiam a composição do coral de vozes, enquanto os homens integravam a orquestra e o cordão de isolamento, protegendo-as da multidão. Afinal, os clubes pedestres e o frevo rasgado também estavam nas ruas, e era condição para que as mulheres e moças de família participassem da festa estarem sempre sob vigilância dos pais, maridos e noivos, como descrevem Juliana Palmeira e Ricardo Pacheco: "[...] as noções de ser de família, ser decente e ser de paz" a presença da mulher nos blocos "[...] funcionando como uma extensão da casa na rua" e por isso "[...] os homens da elite permitiam que suas esposas e filhas participassem". (Palmeira; Pacheco, 2013, p.463).

Eram mulheres, mães, senhoras do lar que participavam das agremiações com suas fantasias, alegorias, seu coral e orquestra desfilan-



do pelo centro do Recife. Não esquecendo que, apesar de estarem nas ruas, havia um cordão de isolamento para manter a ordem e a proteção contra o frevo rasgado dos clubes pedestres. Em outro trabalho que aborda o tema, intitulado "Blocos Carnavalescos Mistos e as relações de gênero na folia das ruas do Recife na década de 1920", Juliana Palmeira e Ricardo Pacheco afirmam que

*A formação dos Blocos Mistos **não representa a única entrada das mulheres** na festa e na rua, posto que, em outros tipos de agremiações e em outros setores sociais, elas estavam presentes. O adjetivo inovador fica por conta da ideia de legitimação da participação feminina nas ruas da cidade segundo os padrões de moralidade impostos na época, que de certa forma obedecia às noções de progresso que pairava na cidade devido às modernizações. (Palmeira; Pacheco, 2014, p.3750) (grifo nosso)*

As mulheres não eram proibidas de brincar Carnaval. Porém, de início, as que frequentavam os festejos não eram "bem vistas" pela sociedade. Pertenciam a estratos mais pobres da sociedade e chegavam a ser qualificadas como "imorais", "indecentes" e "degeneradas". Os blocos eram das mulheres, mas das mulheres de "família", "respeitáveis". A presença da família e principalmente das mulheres na festa passou a transmitir uma impressão de respeito e bons costumes. Com isso, elas garantiram mais circulação nos espaços da cidade e no Carnaval.

Em matéria publicada pelo jornal Diário de Pernambuco o Bloco das Flores informa sobre uma reunião em que acontecerá a eleição da diretoria para o período de 1924/1925, na qual "nesta mesma sessão foi organizada também a diretoria feminina de honra", deixando evidenciar que a participação feminina no bloco tinha representatividade (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 23/03/1924).





A participação feminina também estava presente na formação de blocos como os noticiados no jornal A Província em 1922, em reportagem anunciando o “Bloco Carnavalesco da Neve”, que acabava de ser fundado na rua da Concórdia, composto por senhorinhas e distintos rapazes, assim como o bloco “Isso é que eu gosto!”. A notícia destacava, além do estrato social de elite de suas componentes, o bom gosto nas apresentações, acrescentando uma “nota chic” ao festejo.

Um grupo de distintas senhoras e senhoritas tomará parte nas festas carnavalescas, percorrendo as ruas do Recife em lindo caminhão, artisticamente ornamentado. Composto de elementos da nossa elite social e sob a denominação de Bloco “Isso é que eu gosto”, esse grupo dará a nota chic do próximo carnaval, cantando durante o percurso pelas ruas uma belíssima marcha. A letra e música dessa canção, que se acha ensaiada devidamente, são de um de nossos mais festejados compositores, que a oculta sob o pseudônimo de Serpen Tina e G.Toni. (A.G.) (A PROVÍNCIA, 09/02/1922, p.02)

A partir dessa permissão, mesmo que vigiada, algumas mulheres passaram também a ocupar cargos em diretorias de agremiações. Elas buscavam incentivos dos comerciantes locais, dirigiam-se às rádios e aos jornais, na busca de patrocínio para seus blocos. Dessa análise percebe-se a ocupação do espaço público pelas mulheres através desses blocos que vão surgindo nesse contexto de modernização da cidade desde a década de 1920. E o Bloco das Flores se destacava como um dos primeiros, possibilitando às suas folionas brincarem o Carnaval pelas ruas da cidade, algo impossível de ser alcançado poucos anos antes.



Podemos concluir, portanto, que a participação feminina dos estratos médios da sociedade nos festejos de Momo está diretamente associada à criação dos blocos carnavalescos. Essa nova forma moderna de brincar, que surgiu na década de 1920, representava um contraponto ao Carnaval de rua, considerado perigoso para as mulheres da classe média urbana.

O Flabelo



Figura 30: Flabelo do Bloco das Flores em 1922. Fonte: Revista O Malho, 1922, ed.1020, p.30.

A origem da palavra flabelo deriva do latim *flabellum*, que significa leque. De fato, um grande leque de penas de avestruz era utilizado nos cortejos papais, conduzido pelos flabelíferos³³. No Carnaval pernambucano, os flabelos foram incorporados aos desfiles dos blocos carnavalescos mistos no início do século XX, e perduram até os dias atuais.

Esse elemento fundamental é o abre-alas do bloco. Confeccionado com material rígido, lembrando o formato de um leque, é um tipo de cartaz de apresentação da agremiação, com seu nome, símbolo e data de fundação. É conduzido pela flabelista, cuja função é a de abrir o cortejo pelas ruas da cidade, encantando com suas evoluções e coreografias.

Na figura 30 vê-se o flabelo do Bloco das Flores em 1922, sendo representado por um pássaro de bico curvo, podendo-se associar a uma águia com as asas abertas. Pensar a águia nesse flabelo como um elemento carregado de simbologias, frequentemente associada a



força, nobreza, majestade, vitória e superioridade. Ao centro do pássaro parece ser uma grande flor branca, possivelmente remetendo-se ao nome inicial do bloco – “Bloco das Flores Brancas” – e relacionado à pureza e inocência das jovens “moças de família” participantes do bloco. E, logo abaixo, o nome do bloco.

Observa-se que não consta o ano de fundação e os poucos registros fotográficos do bloco não permitem uma melhor análise dos elementos que compõem o flabelo. Em outras imagens encontradas não aparece o flabelo, mesmo sendo um elemento importante durante o cortejo do bloco.

O flabelo do atual Bloco das Flores, após seu retorno ao Carnaval no ano 2000, é de cor predominantemente preta. Traz a imagem de dois anjos querubins reverenciando e dando boas-vindas à folia de Momo que chega à cidade. Contornado com as flores, elemento principal e símbolo do bloco, ele segue conduzido pela flabelista. Trajada com a mesma fantasia dos demais componentes do bloco, ela é a responsável por executar evoluções apresentando e guiando o cortejo, além de fazer reverências aos foliões que aguardam ansiosos a sua passagem.

Atualmente, a cada ano o flabelo traz características diferentes, remetendo ao tema do desfile. Dessa forma podemos observar algumas mudanças nas cores ou notar novos acessórios, como plumas e outros adereços.

Os estandartes³⁴ também são abre-alas de outras agremiações carnavalescas, como escolas de samba, maracatus, clubes de frevo e caboclinhos. São seu símbolo maior, feitos de tecido sobre um suporte metálico e conduzidos geralmente por homens trajando um figurino a moda Luís XV, com meião e peruca, fazendo evoluções e passos de frevo durante o cortejo pelas ruas da cidade.





31

Figura 31:
Flabelo do Bloco das Flores atual.
Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

Figura 32:
Estandarte do Galo da Madrugada.
Fonte: Site do Galo da Madrugada.



32

Aos foliões...



Na cidade do Recife há um espaço especial para esses importantes elementos do Carnaval. Localizado no centro da capital pernambucana, no bairro do Recife, inaugurado em 2014, o **Paço do Frevo** é um museu dedicado a essa festividade caracteristicamente pernambucana. Funciona como um centro cultural voltado para o lazer, pesquisa e divulgação do frevo, onde estão expostos vários flabelos e estandartes de blocos e agremiações que desfilavam e ainda desfilam no Carnaval do Recife³⁵.



As Músicas

*Bloco das Flores, Andaluzas, Cartomantes
Camponeses, Apois Fum e o bloco Um Dia Só
Os Corações Futuristas, Bobos em Folia,
Pirilampos de Tejipió
(Valores do Passado – Edgard Moraes)*

O Bloco das Flores tem sido contemplado com frevos em sua homenagem ou referenciado em canções por compositores de nomes expressivos. Desde os anos vinte, como Raul Moraes e Nelson Ferreira, aos dias atuais, a exemplo de Romero Amorim, Getúlio Cavalcanti, Alceu Valença e tantos outros.

Durante os desfiles dos blocos carnavalescos no início do século XX, as músicas tocadas eram bem variadas, não havia um gênero musical específico. Nessa nova modalidade de brincar o carnaval em blocos, desfilando pelas ruas da cidade, era presente essa mistura de ritmos. Ainda não estavam definidos os estilos que hoje conseguimos denominar como marcha ou frevo de bloco.

O historiador Lucas Victor Silva destaca que os estilos musicais vindos da Europa no período de modernização da cidade, como a polca, ária de ópera, valsa, entre outros, e também alguns ritmos bra-

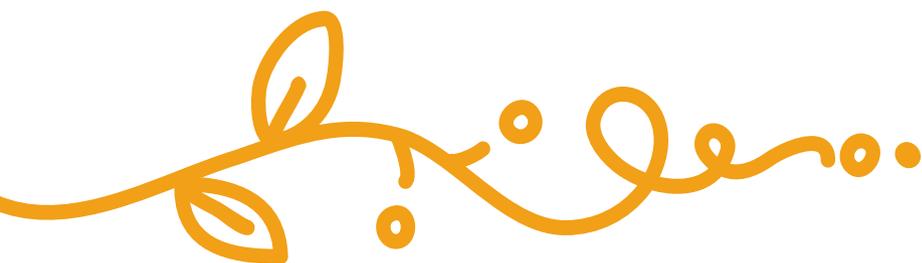


sileiros, como a modinha e o lundum, influenciaram músicos como Raul Moraes e Nelson Ferreira em suas composições:

Ainda não havia a denominação "marcha-de-bloco" ou "frevo-de-bloco". A animação dos desfiles era temperada pelos estilos presentes nas apresentações musicais das confeitarias, cafés-cantantes, cafés-concerto e espetáculos do "teatro de variedades" ou de "revista", gêneros dramáticos que representavam os acontecimentos do cotidiano. (Bezerra, 2006, p.75)

A imprensa local, além de noticiar os acertos de marchas dos blocos, exaltava as belas canções executadas por suas orquestras. O Jornal Pequeno, em sua edição do dia 19 de janeiro de 1923, mencionava o Bloco das Flores registrando a satisfação do Deus Momo com o "simpatizado" bloco e seus "valentes foliões", que demonstravam a "paixão sincera pelo Rei da Folia", e também por ser um bloco com "cantos maviosos e marchas belíssimas" (Rabello, 2004).

Entre as músicas mais relevantes e expressivas do seu repertório, destacava-se a "Marcha da Folia", hino do bloco, e a "Marcha Regresso", ambas compostas pelo diretor da orquestra, Raul Moraes, em 1924, especialmente para o Bloco das Flores. Analisando essas duas principais canções podemos perceber o quão poetizadas, romantizadas e enaltecedoras eram as composições. Vejamos:



Marcha da Folia – Raul Moraes

*Bloco das Flores por onde passa
Semeia com tal graça ao som de lindas canções
E os esplendores dessa alegria
Que as almas extasia e apaixona os corações*

*Viva a folia do carnaval
Intensa alegria sem outra igual
Que olvidar faz a dor ferina
E nos ensina a sorrir e amar*

*Temos na vida só dissabores
Tristezas, amargores e a desilusão final
Mas de vencida o mal levamos
E esqueçamos que sofremos divertindo o carnaval
(MORAES, 1924)*

O Carnaval é a fantasia de ser feliz. O hino do Bloco das Flores enaltece a beleza da agremiação e dos seus componentes ao desfilar, transmitindo a felicidade e o prazer que deslumbram os foliões. Durante o Carnaval, a alegria é intensa e nos faz esquecer a amargura da vida e as desilusões. O carnaval tem a capacidade de nos fazer superar os problemas, as dificuldades, as desilusões, trazendo por alguns dias momentos de prazer. A canção lembra que todos sofremos na vida muitas decepções e desgostos, porém, superadas e vencidas quando estamos vivendo o Carnaval, esquecendo dos problemas cotidianos.

Percebe-se que a poética da saudade, contida em algumas canções dos blocos, era interpretada de maneira diferente por cada compositor. Podemos considerar como saudade o sentimento de perda ou falta de alguém, uma lembrança do passado ou até uma recorda-



ção. Sentimentos de nostalgia, melancolia e reflexão também fazem parte de algumas canções entoadas durante os desfiles dos blocos. Como destacado anteriormente, os estilos musicais nesse período eram bastante variados entre polca, ária de ópera, valsa, entre outros.

A marcha Regresso era cantada quando o bloco estava retornando à sua sede, após o desfile pelas ruas da cidade. Nessa canção, Raul Moraes expressa o lamento pelo fim dos dias de Carnaval, quando os foliões retornam à rotina de suas obrigações e afazeres, e comente no Carnaval do ano seguinte poderão (re)viver toda aquela alegria efêmera, como um bálsamo para aplacar as grandes dores e medos da alma.

Regresso – Raul Moraes

*Nosso bloco alvissareiro
Rompendo entre a população
Vem todo catita e brejeiro
Espargindo altaneiro
A alegria o riso e a graça*

*Sufocando o pranto e a dor
No prazer do Carnaval
Nosso bloco vai com esplendor
E sabe cultivar o amor
Em sua marcha triunfal*

*Adeus, adeus boa gente
Que já cantamos bastante
Parte o bloco assim contente
Orgulhoso e radiante*

*Bloco das Flores faceiro
Tem na festa a primazia
E adeus que o bando brejeiro
Leva o Rei Momo em folia*

*Nosso bloco a aclamar
Salve a festa da folia
Sua despedida a aqui vai dar
Ao som da lira a cantar
Um hino de amor e alegria*

*Nossa gente vai se embora
Daqui levando saudade
Entoando essa canção sonora
Com alegria rua afora
Tendo n'alma a felicidade
(MORAES, 1924)*





Na canção "Regresso", o compositor começa enaltecendo o bloco com os adjetivos "alvissareiro", "catita", "brejeiro" e "altaneiro". O elegante, formoso e divertido bloco que, espalhando alegria durante sua marcha no carnaval, "sufoca o pranto e a dor". Findos os dias do Rei Momo, ele se despede da "boa gente" e do Carnaval, convencido do seu belo cortejo, entoado pela "lira a cantar um hino de amor e alegria", e leva consigo a saudade dos dias de folia.

Mesmo depois de encerrado o bloco, seu nome continuou no repertório musical carnavalesco. A composição "Evocação nº 1", de Nelson Ferreira, composta em 1957, é um frevo de bloco conhecido em todo País, e até hoje é entoado pelos foliões durante o Carnaval. Nele, podemos observar a referência aos blocos ao refletir sobre os carnavais saudosos, e o maestro menciona o Bloco das Flores entre os famosos que haviam desaparecido das folias pernambucanas.

O sentimento saudosista de Nelson Ferreira relembra pessoas e situações do passado, evocando lembranças de tempos felizes e velhos relacionamentos, numa tentativa de remeter-nos ao passado. A canção começa lembrando importantes foliões e blocos carnavalescos do início do século 20 que desfilavam nas ruas do Recife.



Evocação nº 1 – Nelson Ferreira

*Felinto, Pedro Salgado, Guilherme, Fenelon
Cadê teus blocos famosos?
Bloco das Flores, Andaluzas, Pirilampos, Apôs-fum
Dos carnavais saudosos*

*Na alta madrugada
O coro entoava
Do bloco a marcha-regresso
E era o sucesso dos tempos ideais
Do velho Raul Moraes*

*Adeus, adeus minha gente
Que já cantamos bastante
E Recife adormecia
Ficava a sonhar
Ao som da triste melodia
(FERREIRA, 1957)*

A chamada "Marcha Regresso", mencionada na letra da canção de Nelson Ferreira, era aquela entoada ao final do desfile do bloco, quando os foliões estavam retornando à sede. E há ainda a lembrança do "velho Raul Moraes", compositor da época, é evocada em um dos refrões. Ferreira ainda faz outra referência à marcha de 1924 quando escreve: "Adeus, adeus, minha gente/Que já cantamos bastante [...]", remetendo ao termo "boa gente", contido na letra original de Raul Moraes. E findo o Carnaval, a cidade ficará na expectativa do próximo ano para vivenciar tudo novamente.



A sede e os Ensaios

Um dos bairros mais antigos e tradicionais do Recife, o bairro de São José é uma área com ruas e becos estreitos, que no início do século XX era residencial, habitada por funcionários públicos, intelectuais, jornalistas e comerciantes. Localizado na parte central da cidade, o bairro tem como referência o Mercado de São José (1875) e seu intenso comércio, a Basílica da Penha, entre outras igrejas, o Forte de Cinco Pontas (século XVII), a Estação Central (1888), entre outros monumentos de relevância histórica da cidade.

A sede do Bloco das Flores ficava na casa do seu fundador Pedro Salgado, situada na Campina do Bodé, à Rua Imperial, nº 365, no bairro de São José. Ali eram realizados os acertos de marchas e ensaios do bloco.

Naquela região está localizada atualmente a Praça Sérgio Loreto, com jardins, um lago com ponte, a "Ilha dos Amores" e uma pérgola, onde as bandas faziam apresentações. Como podemos verificar na figura 33 na antiga Campina do Bodé havia grupos de casas residenciais geminadas.



Figura 33:
Praça Sérgio Loreto e seu casario em 1925. Fonte: Revista de Pernambuco, julho de 1925³⁶



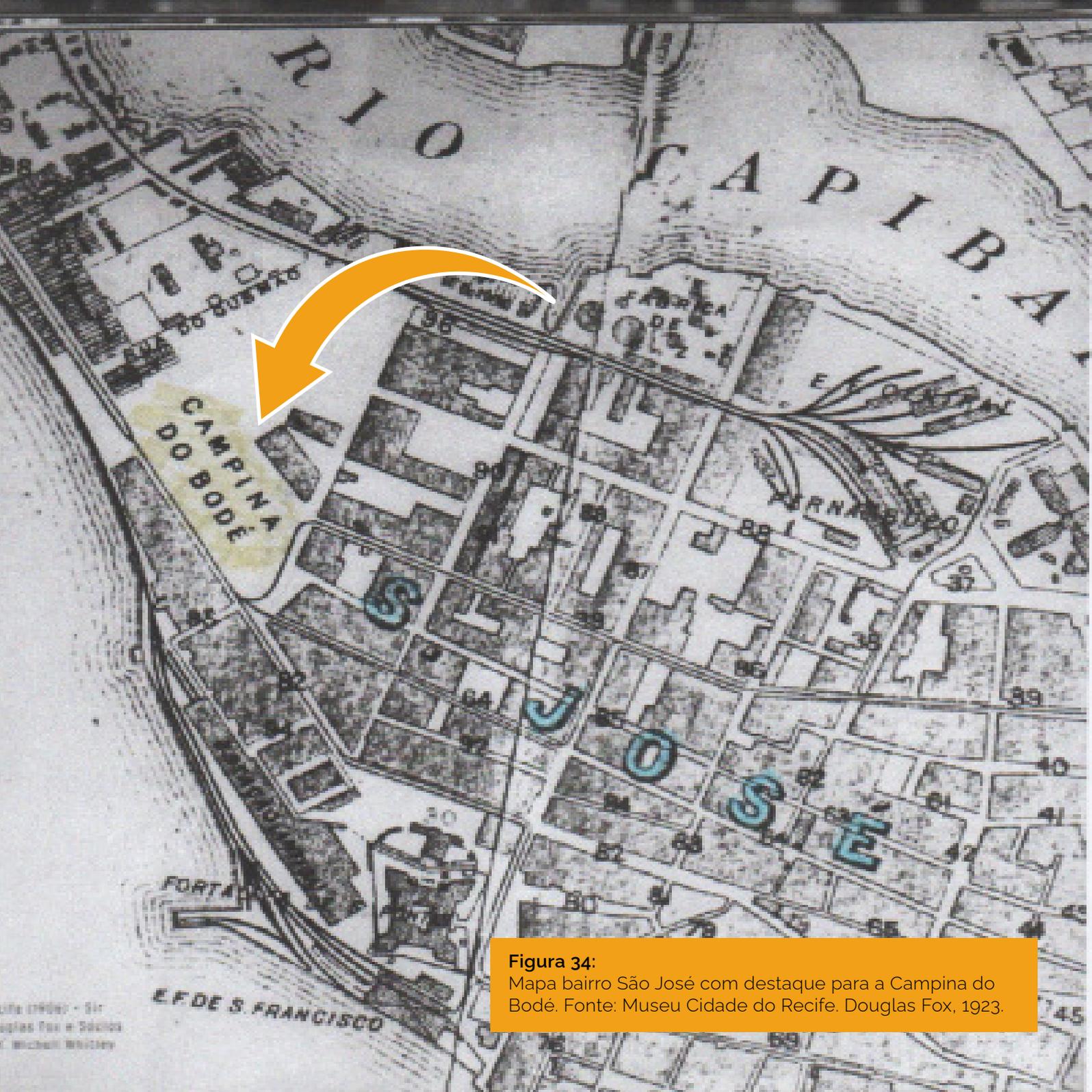


Figura 34:

Mapa bairro São José com destaque para a Campina do Bodé. Fonte: Museu Cidade do Recife. Douglas Fox, 1923.



Figura 35:

O coreto da Praça Sérgio Loreto local de apresentação das bandas e orquestras.

Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

Com o início da modernização, no século XX, o bairro de São José foi sendo modificado. A abertura de novas ruas e a demolição de edificações fez com que a área perdesse a essência residencial, tornando-se mais voltada para as atividades de comércio.

O Bloco das Flores na Revista O Malho

A revista O Malho começou a circular na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil em 1902³⁷. Fundada por Crispim do Amaral, contava com os principais e mais competentes ilustradores e chargistas da época, como J. Carlos (José Carlos de Brito e Cunha/RJ), Angelo Agostini (italo-brasileiro cartunista e desenhista), entre outros. Era uma revista humorística ilustrada, de circulação semanal, cujo alvo predileto eram os políticos da então capital federal. Suas publicações eram famosas pelas charges modernas e críticas e pelas piadas sobre a vida política do País. Publicava também artigos com conteúdo diversos.



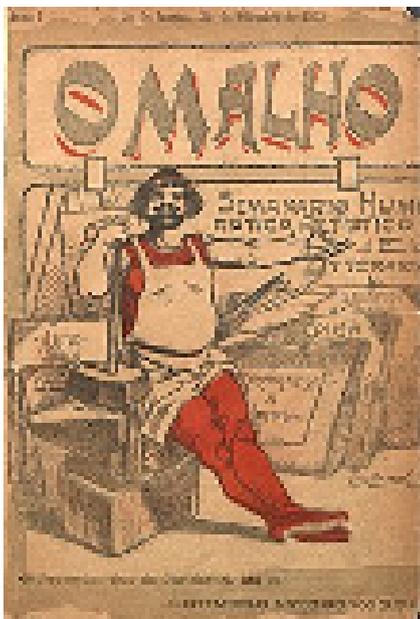


Figura 36:

Capa da 1ª edição da revista O Malho. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, 2022.

Além das charges, havia seções que falavam sobre cultura, esportes, vida social e, entre elas, o Carnaval pelo Brasil: "Ecos do Carnaval", "O carnaval nos estados" e anúncios que contribuíam financeiramente para manutenção dos custos da revista.

Apesar de ser uma publicação mais dedicada à política, com críticas e pilhérias, trazia também artigos escritos pelo jornalista e poeta Olavo Bilac (1865-1918) e outros da época. Sua vertente política combatia a Aliança Liberal de Getúlio Vargas, em 1930, e por isso teve sua redação empastelada e sua sede incendiada.

A origem do nome da revista deriva do verbo malhar, no sentido de criticar, depreciar, humilhar ou macular. E, realmente, a publicação "malhava" as instituições, os políticos, pessoas e fatos que ocorriam no País, com mensagens que já começavam estampando as capas da revista.

Apesar dos poucos registros fotográficos disponíveis sobre o **Bloco das Flores**, a agremiação foi escolhida entre várias outras para representar o Carnaval no Brasil, e teve sua foto publicada na renomada revista em 1922. Por esse registro, percebe-se que o bloco se tornou conhecido não apenas na cidade do Recife, como também na capital Rio de Janeiro. A imagem, publicada na seção "Ecos do Carnaval", edição 1020, denota a importância e faz referência ao bloco como "O





luzidio Bloco das Flores heroe do carnaval de 1922 no Recife"³⁸.

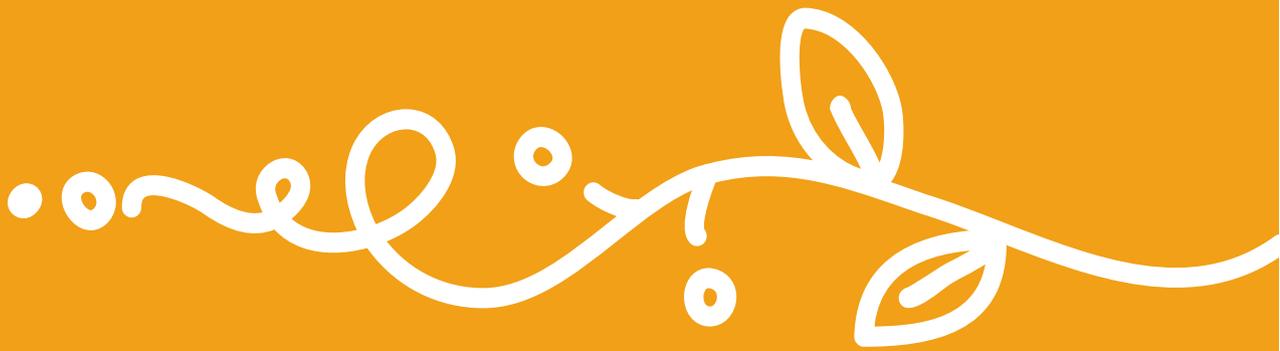
Figura 37:
Bloco das Flores no
Carnaval de 1922
Fonte: Revista O
Malho - RJ.

Na imagem abaixo observamos componentes do bloco aparentemente posicionados em uma escadaria em frente a uma edificação, possivelmente uma residência, apresentando-se em escala de representatividade. À frente, em destaque, está a renomada orquestra. A primeira fileira é formada por dez jovens músicos e seus violões e logo após aparecem os bandolins, clarinetes, pandeiros e outros ins-

ECOS DO CARNAVAL



O luzidio "Bloco das Flores", o heroe do Carnaval de 1922 no Recife



trumentos não visíveis na imagem.

Também podemos observar seus componentes bem trajados, com roupas na cor branca, lembrando a fantasia de palhaço, pois trazem nas cabeças um chapéu de formato cônico. As integrantes femininas, também fantasiadas e com flores na cabeça, estão posicionadas atrás da orquestra. Percebe-se que são jovens "moças de família", com fantasias listradas, diferenciadas dos músicos da orquestra. Do lado esquerda da foto, um folião envergando uma fantasia listrada, em posição de destaque. Não há elementos que confirmem ser o presidente do bloco ou o diretor da orquestra, responsável pela organização do desfile.

Em outra fotografia da revista O Malho (figura 38), também na seção "O carnaval nos estados", com imagens do Carnaval pelo País, o **Bloco das Flores** se faz presente, com o seguinte título: "O imponente Bloco das Flores, de Recife, que na última pugna carnavalesca da capital de Pernambuco obteve o Prêmio de Honra"³⁹ (O Malho, 1923, edição 1069), reafirmando o reconhecimento do bloco nos festejos.

Utilizando o adjetivo "imponente" a revista destaca o bloco em relação aos demais no período de carnaval como um bloco deslumbrante, grandioso, que magnificamente no carnaval de 1923 mereceu o Prêmio de Honra no carnaval do Recife.

O "prêmio de honra" mencionado pela publicação era oferecido pelos jornais locais aos blocos que se apresentavam no Carnaval. Havia uma comissão que julgava as melhores exposições, avaliava fantasias e a melhor canção. O bloco vencedor recebia o troféu de acordo com sua classificação no julgamento dos avaliadores, em geral jornalistas e outros membros da imprensa.



Observa-se nesse extrato da imagem publicada (figura 38) que o bloco se apresentava sempre bem trajados, trazendo consigo seus instrumentos musicais de corda – violões e bandolins, e sopro, como a flauta transversa. Nessa imagem observa-se um número maior de componentes masculinos e, em número menor, as mulheres que desfilavam no bloco também se apresentavam com igual vestimenta, posicionadas na parte superior da foto.

Figura 38:
Bloco das Flores,
Revista O Malho, 1923.



Deixando evidente sua importância e referência nos festejos de Momo da cidade do Recife, o Bloco das Flores, dentre tantos blocos que desfilavam no Carnaval do Brasil na década de 1920, foi mais uma vez escolhido para representar o Carnaval de Pernambuco pela revista O Malho, na seção "O Malho nos Estados". Com o título "Bloco das Flores que emprestou grande brilho ao Carnaval pernambucano", a revista apresenta a agremiação como recordação do Carnaval de 1924, na seção "O Malho nos Estados", fazendo uma retrospectiva dos acontecimentos no Brasil.

Na imagem à direita (figura 39), pelas características físicas, pode-se inferir a presença do coronel Pedro Salgado (lado esquerdo) e do maestro Raul





"Bloco das Flores", que emprestou grande brilho ao Carnaval pernambucano



Figura 39:
Bloco das Flores,
Revista O Malho, 1924
Fonte: Revista O
Malho,

Moraes (lado direito), com sua batuta na mão, apresentando sua renomada orquestra composta por instrumentos de pau e corda e até um contrabaixo.

Podemos observar que o número de foliões aumentou em 1924. Agora, o bloco conta com um maior número de homens que, além de formar a orquestra, faziam o cordão de isolamento para que as mulheres pertencentes à classe média urbana pudessem desfilar com segurança. Na imagem também se percebe duas crianças logo à frente, deixando evidente a origem familiar do bloco. A fantasia mudou, e a posição dos músicos também.

Com essa nova formação podemos notar a quantidade de instrumentos que compunha a orquestra. À frente, temos um pelotão de músicos com seus bandolins, violinos, clarinetes, violões e dois contrabaixos. No meio da imagem vemos foliões que não portam instrumentos musicais, e possivelmente faziam parte do cordão de isolamento que protegia as foliãs e seus familiares durante o cortejo. O número de mulheres parece ter diminuído naquele ano em comparação com a foto de 1922.

O Jornal Pequeno em publicação de 31/05/1924 fez constar a seguinte informação sobre o Bloco das Flores: "Os últimos números d'O Malho e Revista da Semana, que se publicam no Rio de Janeiro, trazem belíssimas photographias do sympathizado Bloco das Flores, desta capital, com 188 figuras, sendo 51 componentes da orchestra do referido bloco." (JORNAL PEQUENO, 31/05/1924).

Após o fechamento temporário, em 1930, e por consequência, as censuras sofridas, as críticas feitas pela revista O Malho já eram mais suaves, sem o mesmo vigor e entusiasmo do início. A publicação re-





tornou com outro formato, mais voltado para notícias e literatura, e no ano de 1954 seria publicada sua última edição.

O Centro de Documentação e Memória da Unesp – CEDEM divulgou uma matéria com o título: "Charges da revista O Malho inovaram a crítica política"⁴⁰, na qual apontava a publicação como a "pioneira na utilização de charges para fazer as críticas políticas e de costumes" no período inicial da República. Para pesquisas sobre a revista, o CEDEM disponibiliza online os exemplares contidos no Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro⁴¹.

Retorno do Bloco das Flores em 2000

Através de pesquisas em jornais, livros e acervos de fundações e museus a pesquisadora Jane Emirce de Melo conseguiu reunir informações para seu projeto de retorno do bloco na folia. Seu empenho, juntamente com o professor Francisco de Assis Maciel, trouxeram às ruas do Recife esse bloco que havia parado de desfilar.

Em 15 de janeiro de 2000, na sede do Clube da Chesf no bairro de San Martin, reunindo foliões amantes dos blocos carnavalescos mistos, foi oficialmente anunciado o seu retorno. Pode-se compreender esse retorno do bloco como uma "terceira geração de blocos" que a partir da década de 90 do século XX com a formação de várias agremiações dessa natureza no carnaval do Recife e a realização de encontros entre eles divulgando a cultura pernambucana (Vila Nova, 2007, p. 48).

Em entrevista ao jornal Folha de Pernambuco de 25 de janeiro de 2020 Jane Emirce relembra esse retorno ao Carnaval de rua como "um momento muito emocionante e monumental" e o seu cortejo iniciou-



-se na praça Sérgio Loreto, próximo do local onde nasceu o bloco e de sua sede, e foram seguidos por uma multidão⁴².

Hoje as reuniões são mensais e o bloco não tem sede própria. Os recursos são parcos, os componentes contribuem com uma mensalidade para custear gastos com transportes, músicos, assim como as cestas de flores que são levadas durante o cortejo. Suas componentes são em maioria senhoras, em geral a partir dos 60 anos, e o nú-



Figura 40:
Jane Emirce de Melo.
Fonte: Acervo particular Jane Emirce.





Figura 41:
1º Desfile em 2000
com a flabelista.
Fonte: Acervo
pessoal de Francisco.



Figura 42
Francisco de Assis
Maciel.
Fonte: Acervo
pessoal de Francisco

Figura 43:
Zenaide
Araújo, atual
presidente



mero de componentes hoje em torno de 48(quarenta e oito) mulheres, 06(seis) homens e crianças em torno de 10 a 14 anos, acompanhadas de seus responsáveis. A orquestra está sob a batuta do maestro Carlos Antônio, e que durante o cortejo só é permitido que a execução de frevos de bloco.

Apesar da globalização e da modernidade repensar nossa história, nosso passado e costumes, valoriza não apenas o material, o palpável, o concreto. Nossa sociedade e costumes é construída também através de memórias, de tradição, de novas visões de mundo e humanidade. Nesse contexto de preservação do bloco destaco a memória coletiva que ultrapassa o plano individual. As memórias sendo construções de grupos sociais, por isso não podem ser separadas da sociedade, essas lembranças vão se tornando um patrimônio daquela comunidade (Halbwachs, 2006).

Sobre patrimônio Isabel Guillen (2016), destaca o papel do historiador, propondo reflexões sobre a discussão e conceitualização de patrimônio imaterial, colocando para observação as questões éticas e políticas sobre o assunto. A crescente patrimonialização de "bens" culturais vai ser debatida, buscando fazer a historiografia referente ao patrimônio cultural, analisar e questionar as narrativas fazendo uma relação com o lugar de memória e seus aspectos sócio-políticos. Pensar memória como formação de uma identidade.

Patrimônio Imaterial, bem antes estudado por folcloristas e antropólogos, agora terá a contribuição do historiador reafirmando a necessidade dessa interdisciplinaridade dos historiadores com outros profissionais para analisar, discutir e redefinir o conceito de patrimônio, destacando o trabalho do historiador como bem define Durval (2019) como um tecelão, reunindo e costurando todas as informações





trazidas pelo grupo a ser posto a reconhecimento.

A Constituição de 1988⁴³ em seus artigos 215 e 216 e o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –, terão um papel primordial no reconhecimento do patrimônio intangível após a criação do Decreto nº 3.551/2000⁴⁴ onde bens da “cultura popular” foram reconhecidos como patrimônio imaterial do Brasil⁴⁵, e que devem também serem preservados pelo Estado juntamente com a sociedade.

Interessante observar que apesar de décadas sem desfilar durante do Carnaval o atual Bloco das Flores foi reverenciado e recebido com muito entusiasmo pelos foliões. Que apesar do hiato nas atividades do bloco, suas tradições são preservadas com esmero pelos atuais integrantes do grupo.

Essa segunda fase do bloco trará além do nome os mesmos elementos – coral feminino, banda de pau e cordas, flabelo, banho de cheiro –, mas fica essa segunda fase do bloco como sugestão de tema para continuação de outra pesquisa!



Considerações Finais

*É lindo ver o dia amanhecer
Com violões e pastorinhas mil
Dizendo bem, que o Recife tem
O carnaval melhor do meu Brasil*

Último Regresso – Getúlio Cavalcanti

Após dois anos de leituras e pesquisas sobre o carnaval na cidade do Recife e pesquisa sobre o Bloco das Flores pude concluir que era um bloco formado por foliões da “elite urbana” ou “classe média urbana”, como era chamado por alguns pesquisadores e historiadores. Seu presidente e principal mantenedor, o coronel Pedro Salgado, era uma figura que circulava pela sociedade recifense da época, conhecido por seu envolvimento na folia de Momo.

Foi um dos primeiros blocos que possibilitou a participação feminina dessa classe social específica a brincar o carnaval de rua. Foi um bloco famoso, importante, bem qualificado, enaltecido em seu tempo de existência. Sendo referenciado pela imprensa local com os melhores elogios e que serviu de inspiração para outros que foram se formando no decorrer dos anos.

Trouxe características bem diferentes dos clubes pedestres que percorriam as ruas da cidade durante os festejos. Sua orquestra, formada por instrumentos de pau e corda, tendo o musicista Raul Moraes como um dos maestros, era uma das mais prestigiadas na época.





Seus violões, bandolins, flautas, pandeiros, reco-reco e até contrabaixo encantavam os foliões durante os desfiles e arrastavam foliões e elogios da imprensa local.

A escassez de informações e registros, seja em jornais ou em escritos deixados durante o tempo passado, não permitiu chegar a uma conclusão sobre o período que o bloco desfilou pelas ruas da cidade.

Nas pesquisas, a partir de 1925, não se fala mais sobre o bloco, os chamados para seus ensaios, convites para desfilar pelas ruas, enfim, tudo fica no limbo. As referências encontradas após esse ano dizem respeito apenas ao seu fundador Pedro Salgado e sua família nas colunas sociais, parabenizando pelos seus natalícios e anúncios sobre corretagem de imóveis.

O Bloco das Flores, em sua primeira fase, deixou um legado de cultura e memória para o Carnaval pernambucano. Seu retorno em 2000 representa uma nova fase, trazendo releituras daquele bloco de outrora, e continua arrastando foliões pelas ruas da cidade no período do carnaval.

BREVE HISTÓRIA DO Bloco das Flores

1920

É fundado o Bloco Flores Brancas pelo português Pedro Salgado no centro do Recife.

1922

Mudança do nome de "Bloco Flores Brancas" para "Bloco das Flores".

1925

O bloco não desfila por falta de recursos financeiros.

1921

Primeiro registro em jornais sobre o bloco.

1924

Organizada Diretoria Feminina de Honra

1937

Falecimento dos fundadores Pedro Salgado em 31 de dezembro e Raul Moraes em 06 de setembro



1998

Jane Emirce de Melo e Francisco de Assis Maciel iniciam pesquisas sobre o Bloco.



2020

O Bloco das Flores comemora 100 anos de sua fundação e 20 anos de seu retorno ao Carnaval do Recife



1938

O Bloco das Flores deixa de desfilor no Carnaval do Recife



2000

Em 15 de janeiro o Bloco das Flores volta para desfilor no Carnaval do Recife



2023

O bloco desfilor após uma pandemia





Notas Textuais

1 Pedro Salgado, fundador do Bloco das Flores, também produziu um filme nessa época.

2 Clube de frevo de menores proporções em comparação aos blocos, e geralmente de caráter mais informal, tendo como mote alguma zombaria, brincadeira ou viés crítico, às vezes político. Costumam se apresentar durante o dia nas ruas.

3 "O curso percorria o seguinte itinerário: Praça da Faculdade de Direito, saindo pela Rua do Hospício, seguindo pela Rua da Imperatriz, ruas Nova, Imperador, Princesa Isabel e parando, finalmente, na Praça da Faculdade". MELO, Apolônio Gonçalves de. Recordação dos carnavais de 1904 a 1965, in Antologia do Carnaval do Recife – Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991, p.17

4 Clube de frevo de menores proporções em comparação aos blocos, e geralmente de caráter mais informal, tendo como mote alguma zombaria, brincadeira ou viés crítico, às vezes político. Costumam se apresentar durante o dia nas ruas.



5 Apelido que bulia com as moças que tinham mais de vinte e cinco anos de idade, chamando-as de Vitalina Bota Pó". (MELO, 1991, p.23).

6 Sendo inscrito como Patrimônio Imaterial Brasileiro para maiores informações sobre o tema: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4531/ritmos-carnavalescos-revelam-a-riqueza-do-patrimonio-cultural-brasileiro>. E também Fonte: Governo do Estado de Pernambuco, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) https://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/experiencias-presenciais/parlamentojovem/noticias_para_voce/conheca-o-maracatu-tradicao-afro-brasileira#:~:text=O%20Maracatu%20%C3%A9%20um%20dos,pessoas%20negras%20ainda%20eram%20escravizadas. Acesso em: 12/07/2023

7 Vida comunitária e laços de sociabilidade: Dona Santa em perspectiva. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1554435611_ARQUIVO_Vidacomunitariaela-cosdesociabilidade-artigoanpuh19.pdf. Acesso em 15 abr. 2023.

8 O primeiro registro de que se tem notícia sobre o Entrudo, no Brasil, data do século XVI. Consta do livro Denúncias e Confissões de Pernambuco 1593 – 1595, quando da Primeira Visitação do Santo Ofício às terras brasileiras. Para Maiores informações vide (ARAÚJO, 1996, p.120).

9 Artefato confeccionado em cera, no formato de laranja ou lima e, no seu interior, recheadas de água perfumada, que serviam como "munição" nas batalhas entre os foliões.

10 Disponível em: <https://historiacomgosto.blogspot.com/2017/02/os-entrudos-carnaval-do-seculo-xvii-ao.html>. Acesso em: 16/01/2023 http://memoria.bn.br/pdf/332747/per332747_1880_00195.pdf





11 Jean-Baptiste Debret era um pintor e desenhista de origem francesa que veio ao Brasil em 1816 a pedido de D. João VI e reuniu gravuras registrando cenas do Brasil no início do século XIX em seu livro "Viagem pitoresca e histórica ao Brasil", publicado de 1834 a 1839.

12 <https://historiacomgosto.blogspot.com/2017/02/os-entrudos-carnaval-do-seculo-xvii-ao.html>

13 <https://historiacomgosto.blogspot.com/2017/02/os-entrudos-carnaval-do-seculo-xvii-ao.html> acesso em:16/01/2023.

14 O viajante inglês Henry Koster que residiu em Pernambuco entre 1809 e 1820 e o viajante francês Louis-François Tollenare que também residiu no Recife entre 1816 e 1817.

15 A Casa Pessoa ficava na Rua Nova, 247; a Casa Gallo Preto, de propriedade do major Joaquim Rodrigues da Fonseca, na rua Direita 129; a Deusa da Moda estava situada na rua do Livramento 98; e a Casa Gondim, na rua Barão da Victoria, 155.

16 "Os artigos do Elite são o que há de mais elegante e da melhor qualidade. E por isso que o pessoal da alta sociedade ali compra". (A Província 26/02/1922, p. 02).

17 Dupla de comediantes norte-americanos da década de 1920.

18 Indústria e Comércio Miranda Souza S.A., localizada na Rua da Aurora, responsável pela produção das marcas Royal e Paris. Silva, Leonardo Dantas. p.156.

19 Decreto nº 51.211, de 18 de agosto de 1961, ainda em vigor nos dias atuais.

20 Importante destacar que os Blocos Carnavalescos Mistos se consolidaram como uma oportunidade de as mulheres das famílias da "elite" brincarem o carnaval de rua. Enfatizamos o coro feminino na execução musical. Para maiores informações, vide VILA NOVA, 2007.



21 "Em reunião realizada no Clube das Pás, na Rua Velha nº 245" (Silva, Leonardo, 2019, p.283).

22 <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.579-592.pdf>

23 Depois outras agremiações surgiram com essas mesmas características: orquestras de pau e corda e conjunto vocal até em subúrbios mais distantes do bairro de São José como Torre e Madalena (Andaluzas em Folia, Pirilampas, Apois Fum dentre outros).

24 Conforme foi dito anteriormente, o título de bloco carnavalesco misto identificava a presença feminina e masculina nos desfiles da agremiação.

25 Os clubes pedestres eram formados por foliões da mesma categoria de trabalhadores. São exemplos deles o Vassourinhas, o Espanadores, o das Pás, entre outros.

26 Roderique é o nome do autor da nota, provavelmente um ouvinte da Rádio Clube de Pernambuco e leitor do jornal Diário da Manhã.

27 O filme "A Filha do Advogado" foi uma produção da Aurora Filmes, de 1926. Era do gênero ficção, filmado em preto e branco, com duração de 92 minutos. Foi restaurado pela Cinemateca Brasileira dentro do projeto Resgate do Cinema Silencioso Brasileiro/SAV- Secretaria do Audiovisual, 2006-2007. Disponível em DVD, faz parte do acervo da Fundação Joaquim Nabuco, sediada no Recife. Disponível em: <https://www.cinemapernambucano.com.br/index.php/filmes-tipo/longametragem/item/3890-a-filha-do-advogado> Acesso em 16/03/2023.

28 As fotografias das figuras 20, 21 e 22 foram cedidas por Jane Emirce de Melo, presidente de honra do atual Bloco das Flores, e pertencem ao seu acervo pessoal.

29 Pesquisa realizada no site do Instituto Moreira Sales. Disponível em: <https://ims.com.br/> <https://discografiabrasileira.com.br/posts/245668/evocando-o-velho-raul-moraes-85-anos-sem-um-mestre-da-musica-e-do-carnaval-de-pernambuco>. Acesso em 13/01/2023

30 SILVA, Leonardo Dantas (org.). Raul Moraes, repertório variado. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana: Recife, 2003.

31 Para maiores informações, pesquisar no acervo do Instituto Moreira Salles, onde se encontram a história de Raul Moraes e a discografia de suas composições. Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/posts/245668/evocando-o-velho-raul-moraes-85-anos-sem-um-mestre-da-musica-e-do-carnaval-de-pernambuco>. Acesso em 13/01/2023.

32 Villa Digital - Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <https://villadigital.fundaj.gov.br/>

33 Sobre a origem do nome flabelo. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/flabelo>. Acesso em 20/09/2022.

34 Para mais informações, sugiro a leitura de: SILVA, Leonardo Dantas. Carnaval do Recife. 2ed revista e ampliada – Recife: Cepe, 2019, que apresenta um capítulo específico sobre o tema.

35 Paço do Frevo. Praça do Arsenal da Marinha, Bairro do Recife. Antigo prédio em estilo neoclássico tombado pelo IPHAN. Informações em: www.pacodofrevo.org.br.

36 Revista de Pernambuco. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/a-pra%C3%A7a-s%C3%A9rgio-loreto-com-seu-lindo-grupo-escolar-seus-risonhos-gramados-e-farta/1782587538548455>. Acesso em 16/11/2022.

37 Sobre a revista O Malho: Site da Fundação Casa de Rui Barbo-



sa. Disponível em: <http://omalho.casaruibarbosa.gov.br/>. Acesso em 18/05/2023

38 Luzido, de acordo com o dicionário, significa luxuoso, ilustre, brilhante, esplendoroso.

39 O Malho. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis>.

40 Centro de Documentação e Memória da Unesp – CEDEM. Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/477/charges-da-revista-o-malho-inovaram-a-critica>.

41 Centro de Documentação e Memória da Unesp – CEDEM Disponível em: www.cedem.unesp.br. Acesso em 18/05/2023.

42 <https://noticias.r7.com/pernambuco/folha-de-pernambuco/bloco-das-flores-lirismo-e-coroado-no-carnaval-do-recife-25012020>.

43 Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (...)

44 DECRETO nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.

45 Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>.





Bibliografia

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

A FILHA DO ADVOGADO. Filme. Direção: Jota Soares. Produção: João Pedrosa da Fonseca. Roteiro: Ary Severo. Fotografia de Edson Chagas. [S. l.]: Aurora Filmes, 1926. 1 DVD.

A PROVÍNCIA (1920-1937). Ano 1922, edição de 09 de fevereiro; edição de 12 de fevereiro; edição de 24 de fevereiro; edição de 26 de fevereiro; edição de 28 de dezembro; Ano 1923, edição de 19 de janeiro.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. Folganças Populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Fapemig; FCC, 2008.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife – Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

_____. Carnaval do Recife: a alegria guerreira. Estudos Avançados, [S. l.], v. 11, n. 29, p. 203-216, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8980>. Acesso em: 22 jan. 2023.





ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Revista O Malho. Memória da Imprensa. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/edicao_00/malho.php. Acesso em: 16 abr. 2023.

BEZERRA, Amilcar Almeida; SILVA, Lucas Victor. Evoluções: histórias de bloco e de saudade. Recife: Bagaço, 2006.

BRASILIANA FOTOGRAFICA. Fotografia nº 2642. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2642>. Acesso em Acesso em 18/05/2023.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP – CEDEM. Charges da revista O Malho inovaram a crítica política. Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/477/charges-da-revista-o-malho-inovaram-a-critica-politica>. Acesso em Acesso em 18/05/2023.

COSTA, Haroldo. 100 anos de carnaval no Rio de Janeiro. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.

COUCEIRO, Sylvia Costa. Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da Folia uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (org). Carnavais e outras F(r)estas Ensaio de história social da cultura. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2002.

DIÁRIO DA MANHÃ (1920-1937). Ano 1936, edição de 08 de fevereiro. DIARIO DE PERNAMBUCO. Direto da Redação. Disponível em: <https://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2016/04/14/quando-o-cinema-foi-falado-e-cantado-no-recife/>. Acesso em 22/09/2022.

DIARIO DE PERNAMBUCO (1920-1937). Ano 1921, edição de 16 de janeiro; edição de 28 de janeiro. Ano 1922, edição de 18 de fevereiro; edição de 24 de fevereiro. Ano 1976, edição de 29 de novembro.

DIARIO DE PERNAMBUCO. Edição de 26 de fevereiro de 1884. In: RABELLO, Evandro. Memórias da Folia: o carnaval do Recife pelos olhos da imprensa (1822-1925). Recife: Funcultura, 2004, p.105.

FACEBOOK. Recife de antigamente. Disponível em: https://www.facebook.com/recantigo/posts/2714833555323844/?paipv=0&eav=A-faVomiqHUPpqziPe46WvxhLgtFuwqhyuJnoopARtuLjyG4DYackNBtc-FyhqLTqrjWs&_rdr. Acesso em 15 abr. 2023.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2019. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquio-dehistoria/wpcontent/uploads/2013/11/5Col-p.579-592.pdf>. Acesso em 26/10/2022.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Patrimônio e história: reflexões sobre o papel do historiador. Diálogos, v. 18, n.2, 637-660, 2014.

JORNAL DO RECIFE (1920-1937). Ano 1937, edição de 09 de setembro.

JORNAL PEQUENO (1920-1937). Ano 1922, edição de 26 de fevereiro. Ano 1923, edição de 19 de janeiro. Ano 1924, edição de 29 de fevereiro.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.



LIMA, Claudia. Evoé: história do carnaval das tradições mitológicas ao trio elétrico. 2ª ed. Recife: Raízes Brasileiras, 2001.

MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas (orgs). Antologia do Carnaval do Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 1991.

MATTA, Roberto da. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, Apolônio Gonçalves de. Recordação dos Carnavais de 1904 a 1965. In: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas (orgs). Antologia do Carnaval do Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 1991.

MELO, Jane Emirce de. Bloco das Flores, história e poesia de um resgate. Acesso em ??????

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

NASCIMENTO, Francisco Arrais. Nomear, classificar, existir: um estudo das práticas discursivas como contribuição para a organização do conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2021, 276p.

NEPOMUCENO, Eric Brasil. Paradoxos carnavalescos: a presença feminina em carnavais da Primeira República (1889-1910). Clio – Revista de Pesquisa, v.31., n.1 (2013). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24407>. Acesso em 26/05/2021.

NETO, Regina Beatriz Guimarães. Historiografia: (in)certos diálogos, In:

Barbosa Cibele (org.). Teoria da história e historiografia: debates pós-68. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 2012.

O ESTADO DE S. PAULO. Acervo Estadão. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,carnaval-era-assim-relem-bre-quando-a-folia-era-permitida,70003615139,o.htm>. Acesso em 26/05/2023.

O MALHO. Capa da 1ª Edição, de 1902. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Capa-OMALHO.jpg#file>. Acesso em 17 jun. 2023.

O MALHO (1920-1937). Ano 1922, edição de 30 de março; Ano 1923, edição de 03 de março. Ano 1924, edição de 24 de maio.

PALMEIRA, Juliana Dias. "Aqui, apesar do frevo, há moralidade": a presença das mulheres no Bloco Carnavalesco Misto do Recife na década de 1920. Dissertação. (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2015. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/4767>. Acesso em 26/05/2021

PALMEIRA, Juliana Dias; PACHECO, Ricardo de Aguiar. Bloco Misto: A presença das mulheres no Carnaval de rua do Recife/PE na década de vinte do século XX. Artigo. XXVII Simpósio Nacional de História. 2013.

_____. Blocos Carnavalescos Mistos e as relações de gênero na folia das ruas do Recife na década de 1920. 18º REDOR – Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/704/894>. Acesso em 26/05/2021.



PEREIRA, Maria Isabelle Domitilia Barros. Valores do passado: tradição e nostalgia no Bloco da Saudade. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

RABELLO, Evandro. O Recife e o Carnaval, In: MAIOR, Mário Souto;

SILVA, Leonardo Dantas (orgs). Antologia do Carnaval do Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 1991.

_____. Memórias da folia: o carnaval do Recife pelos olhos da imprensa (1822-1925) – Recife: Funcultura, 2004.

REAL, Katarina. Antologia do Carnaval do Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 1991.

REZENDE, Antônio Paulo. O Recife: histórias de uma cidade. Magdalenina Almeida (Org.). 2.ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005. Coleção Malungo; v.6.

_____. (Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. 2.ed. – Recife: Ed. UFPE, 2016.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. Trombones, Tambores, Repiques e Ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945). Dissertação. (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2010.

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife (1822-1850). Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2011.

SILVA, Hugo Vandrê Cavalcanti da. Estandartes – bandeiras de festa e tradição: uma análise da simbologia e linguagem visual dos estandartes dos clubes e troças do carnaval de Recife e Olinda. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016.



SILVA, Leonardo Dantas. Estudo Introdutório, In: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas (orgs). Antologia do Carnaval do Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 1991.

_____. (org.). Raul Moraes repertório variado. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 2003.

_____. Carnaval do Recife. 2 ed. Revisada e ampliada. Recife: CEPE, 2019.

SILVA, Lucas Victor. O Carnaval na cadência dos sentidos: Uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 e 1940. Tese. (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

_____. O carnaval contra as "ideias subversivas" e "ideologias exóticas": a invenção da Federação Carnavalesca Pernambucana na década de 1930. Revista CLIO, v.34, n.2, 2016.

SILVA, Zélia Lopes da. Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938). São Paulo: Editora Unesp; Londrina: Eduel, 2008.

THOMPSON, E.P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIANA, Paulo Nunes. Carnaval de Pernambuco, In: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas (orgs). Antologia do Carnaval do Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 1991.

VILA NOVA, Júlio César. Panorama do folião: o carnaval de Pernambuco na voz dos blocos líricos. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.





Apêndice

Músicas que homenageiam
o Bloco das Flores

PIRATA JOSÉ

Alceu Valença

Álbum: De janeiro a janeiro/2002

*Um marinheiro chegou
No carnaval de Olinda
Em busca de seu grande amor
Uma princesa tão linda*

*Será que ele vem de Holanda?
Quem sabe de São Salvador?
Lisboa, de Angola, Loanda,
Em busca de seu grande amor?*

*Que brinca no Bloco das Flores
Nas virgens no alto da Sé
Seu nome é Maria das Dores
E ele é o pirata chamado José.*



EVOCAÇÃO Nº 1

Nelson Ferreira

Ano: 1956

***Felinto, Pedro Salgado, Guilherme, Fenelon
Cadê teus blocos famosos?
Bloco das Flores, Andaluzas, Pirilampos, apôs-fum
Dos carnavais saudosos***

***Na alta madrugada
O coro entoava
Do bloco a marcha-regresso
E era o sucesso dos tempos ideais
Do velho Raul Moraes***

***Adeus, adeus minha gente
Que já cantamos bastante
E Recife adormecia
Ficava a sonhar
Ao som da triste melodia***



AQUELA ROSA

Geraldo Azevedo e Carlos Fernando

Ano: 1967

*Aquela rosa que você me deu
Faz hoje um ano, ainda não morreu
Cultivo ainda no jardim dos amores
Como as outras flores que você me deu*

*Lembre-me bem quando o bloco passou
Você sorrindo jogou aquela flor
Eu que na hora o violão tocava
Lhe joguei um beijo, suspirei de amor*

*Deste adeus e teu bloco sumiu
Meu coração acelerou, também partiu
Pensei comigo vai ser minha amada
Minha namorada meu divino amor*

*Você cantava no Bloco das Flores
Tocava eu no bloco dos amores
Na quarta feira ficou um só bloco
Faz um ano hoje dura o nosso amor*





***Samba Enredo – G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (RJ)
100 Anos do Frevo. É de Perder o Sapato. Recife Mandou Me Chamar
Ano: 2008***

***Mandou me chamar, eu vou
Pra Recife festejar
Alegria no olhar, eu vejo
É frevo, é frevo, é frevo***

***Ao som de clarins
Descendo a ladeira
Sou Mangueira
Tem frevo no samba
Deu nó na madeira
Orgulho da cultura brasileira***

***A majestade é o povo
Sem o povo história não há
Estende o brasão, reflete o leão
Símbolo de garra e união***

***Capoeira invade os salões
Mascarados, despertam dragões
E pelas ruas, vem Zé Pereira
Arrastando a multidão***





*Nascia o frevo contagiando toda a massa
E até hoje tem Colombina e seus amores
Passo no Bloco das Flores
O profano é sagrado no maracatu*

*Nos cem anos de história, desperto a alvorada
Brincando no Galo da Madrugada
Invade a cabeça, o corpo, embala os pés
Delírio da massa, um fervo!
É a Mangueira no passo do frevo
Voltei de sombrinha na mão
Sonhando em gritar é campeã*

*Mandou me chamar, eu vou
Pra Recife festejar
Alegria no olhar, eu vejo
É frevo, é frevo, é frevo*



Design e Diagramação
Samuel Balbino
@designersamuel

